

Trilogia da imaginação

Doc Comparato
Jamais

teatro



Número de Registro SGAE 9761095

JAMAIS®

ou

Calabar, um elogio à traição

ou

Na posse das coisas

**De
DOC COMPARATO**

Segunda peça da trilogia da imaginação.

Barcelona / Fevereiro / 2006

Copyright Warning

The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.

You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author.

Advertência

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE (Brasil) – Site: <http://www.sgae.es>

E-mail: v.santiago@sgae.com.br

ABRAMUS – Site: www.abramus.org.br

E-mail: guilherme.amaral@abramus.org.br

Edição digital: junho 2013

ISBN: 978-85-8245-057-4

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](#)

JAMAIS[©]

ou

Calabar, um elogio à traição

ou

Na posse das coisas

**Peça neoclássica de
DOC COMPARATO**

Barcelona / Fevereiro / 2006

Lendo o Teatro de Doc Comparato

Antigamente os editores fugiam de certos tipos de livro porque diziam que não vendiam: teatro, poesia, biografias... Com o e-book isso tudo mudou. Todos os gêneros são bem-vindos. E resolvemos investir em dramaturgia, na obra teatral do dramaturgo Doc Comparato.

Ela é bem diversificada, pois o autor rodou o mundo e viveu em diversos países. Seu livro sobre roteiro é utilizado em vários idiomas. E seu teatro?

Ele dividiu seu trabalho em três trilogias: **Trilogia do Amanhã**, composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: *Plêiades*, *O Beijo da Louca*, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e *O Despertar dos Desatinados*, texto inédito até hoje.

Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: *Nostradamus*, *Michelangelo* e *O Círculo das Luzes* – todos os textos encenados no Brasil e na Itália. *Nostradamus* recebeu o prêmio Anna Magnani. Sua última trilogia, a da **Imaginação**, é formada por seus últimos trabalhos, que consistem em textos inéditos escritos recentemente.

E é justamente por aí que vamos começar. Pelos mais novos trabalhos do dramaturgo. As peças são: *Sempre*, *Jamais* e *Eterno*. Com uma capacidade imagética impactante, ele nos traz a figura de uma escritora de livros infantis, Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. Em textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Vale a pena ler e imaginar o espetáculo.

Fora as trilogias, Doc possui **outros textos** que vamos incluir nesta primeira leva de edições digitais. A peça infantil *A Incrível Viagem, Lição N.º 18* e *A Misteriosa Morte do Supremo Imperador da China e Outras Histórias*.

Antes de terminar é bom lembrar que este material é licenciado somente para leitura.

Bom espetáculo!

Esta peça é inteiramente de ficção. Trata-se portanto da visão pessoal do autor sobre a figura de um traidor histórico.

Para M. com perplexidade.

Levando-se em conta que a perplexidade seja o sequestro de todas as emoções.

DC, 2006

NOTAS INICIAIS

A PEÇA

Às portas no Renascimento, ao redor de 1640, transcorre a peça, em um entreposto marítimo na costa de Pernambuco, Nordeste do Brasil.

OS PERSONAGENS

São oito:

- 1 - Calabar, o traidor (homem jovem)
- 2 - Willen, o conselheiro (homem maduro)
- 3 - Marquesa, a aristocrata (mulher madura)
- 4 - General, o militar holandês (homem maduro)
- 5 - Xesc, o aprendiz (jovem)
- 6 - A Índia, fala idioma desconhecido (jovem)
- 7 - A Escrava, de raça negra (jovem)
- 8 - Maurício de Nassau, o príncipe holandês (homem jovem)

LUZ E ADEREÇOS

São fundamentais e estão marcados no texto.

INTRODUÇÃO

Em meados de 1640, o Brasil não existia. Era uma terra incalculável e sem nome sob o domínio da Coroa Portuguesa.

Empurrados pelo comércio florescente do açúcar, os holandeses invadem o nordeste do Brasil e criam a Companhia das Índias Ocidentais, espécie de primeira multinacional que se tem notícia.

O sucesso da companhia é imediato, tanto em lucros como em territórios, graças sobretudo à traição de um militar das forças portuguesas: Sr. Domingos Fernandes Calabar. Foi ele quem alimentou os holandeses com o conhecimento do terreno e as secretas táticas empregadas pelos portugueses.

Até hoje, nos livros de história escolares, Calabar é tratado como um traidor, ser sem dignidade que além de se vender aos holandeses, ocasionou grandes perdas à soberania da Coroa Portuguesa na região de Pernambuco.

Calabar, o traidor, é o tema desta peça.

DC

(Começa o espetáculo)

O sugerido pelo autor é uma integração do texto com **uma instalação**.

(Ao entrar no teatro o espectador se depara com uma exposição composta pelos itens a seguir descritos.)

Não importa que sejam fotos antigas, cartazes, panfletos ou os próprios objetos em pequenas vitrines. O importante é que estejam presentes.

Exposição Tipo Museu

Objetos Surpreendem os Científicos

Achados arqueológicos de mais de trezentos anos, encontrados nas entranhas de Nova York, esclarecem hábitos e costumes de seus primeiros desbravadores.

Vê-se os seguintes objetos numa vitrine:

- Objeto:** Um pedaço de vestido branco
Legenda: Restos de um vestido de noiva confeccionado inteiramente na América. Pertenceu a uma família nobre. Cientificamente provado, em torno de 1600 d.C.
- Objeto:** Uma caixinha de madeira semidestruída
Legenda: Caixa de relicário cristã. Madeira com adornos em madrepérola. Deveria conter algum objeto santificado e considerado milagroso pelos católicos. Objeto pertencente à primeira paróquia católica de Nova York. 1600-1700.
- Objeto:** Três penas: uma verde, uma azul e outra amarela.
Legenda: Plumagem indígena. Restos de plumagem de aves migratórias desaparecidas, pertenciam a tribos selvagens que habitavam a região e que também desapareceram.
- Objeto:** Manuscrito de papel amarelado escrito a pena, antigo e corroído.
Legenda: Original em latim de receita de laxativo. Combinação de frutos e folhas usada para aliviar constipações. Compilação do latim ao hebraico de um provável rabino anônimo. Documento pertencente ao Centro Hebraico. 1607 (?)
- Objeto:** Três miniaturas de bois feitos de açúcar.
Legenda: Peças raras pertencentes à Companhia das Índias Oriental e ao Império Chinês. Pequenas esculturas feitas de açúcar, areia e cascalho. Folclore desconhecido. Pequim / Nova York – 1600.

Outros objetos sem identificação encontrados:

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
6. Lupa destrozada
7. Mapas portugueses
8. Ampulheta
9. Chave negra e grande
10. Um pequeno boi voador feito de papel e fitas coloridas. Peça folclórica de origem desconhecida.

O ESPECTADOR ENTRA NO AUDITÓRIO

TUDO ESCURO

Começa o texto.

ÍNDICE DAS CENAS

1. Cena do Livro. (noite)
2. Cena do Corpo. (noite)
3. Cena do Vinho. (noite)
4. Cena do Tambor. (amanhecer)
5. Cena da Carta. (dia)
6. Cena da Couraça. (noite)
7. Cena do Fruto. (noite)
8. Cena do Uniforme. (noite)
9. Cena da Sopa. (noite)
10. Cena do Veneno. (noite)
11. Cena da Trombeta. (dia)
12. Cena da Caixinha. (dia)
13. Cena do Ouro. (dia)
14. Cena da Jaula (dia)
15. Cena da Mordida (dia)
16. Cena do Anel (noite)
17. Cena da Tinta. (noite)
18. Cena da Arca. (dia)
19. Cena do Baralho. (noite)
20. Cena da Lupa. (noite)
21. Cena da Água (noite)
22. Cena do Cobre (noite)
23. Cena da Mesa (dia)
24. Cena do Canhão (dia)
25. Cena da Mancha (dia)
26. Cena da Grade (dia)
27. Cena da Carga (dia)
28. Cena da Corda (noite)
29. Cena do Linho (noite)
30. Cena do Boi (noite)

JAMAIS

*(Tudo escuro.
Abre o pano.)*

CENA 1

CENA DO LIVRO

(Escritório de Willen / Armazém / Nordeste do Brasil / 1640 / Noite)

(Um armazém vazio em 1640.

Uma mesa, cadeiras, papel e tinteiro.

Willen lê uns documentos com uma lupa. Seu olho é enorme atrás da lente. O jovem Xesc dissimulado esconde um livro debaixo da mesa. Instantes.)

WILLEN

Um. Dois. Nove erros no latim. Sem dúvida está esquecendo o latim. Mais que isto: pulou dois parágrafos.

XESC

Observe os números, eminente mestre. Estão corretos.

WILLEN

Não tenho dúvidas que as aritméticas estão perfeitas. Tantos quilos de toucinho, outros litros de vinho, arrobas de açúcar e metros de tecidos negros. Somas e subtrações. A matemática é assim: ou se erra, ou se acerta. É uma ciência exata, sem nuances. Já o latim...

XESC

Mestre Willen está insinuando que não tenho talento ou qualidades para ser o despachante do Armazém Central.

WILLEN

Basta. É irritante escutar seus falsos brios. É único. Estou afirmando que a cada dia está pior no latim. Que este documento está sujo, cheio de rasuras e manchas de tinta. Será tinta? Bem, e que se a matemática está perfeita, o texto é um descalabro.

XESC

O conselho supremo de Amsterdã só se importa com os números, lucros e remessas.

WILLEN

Um dia ainda mando cortar sua língua como fazem os portugueses com os escravos e nativos.

XESC

Não vai, não. Sou filho de seu melhor amigo. E não tem coração para fazer maldades comigo.

WILLEN

Às vezes penso que seria melhor ter ódio que amizade. Pois hoje odeio seu falecido pai. Abraham Cequets. Que Jeová o tenha. Shalom. Mil vezes shalom. Um grande matemático, sabia até geometria, mas era um péssimo pai. E ainda me deixou de herança um estropício de afilhado.

XESC

Que conhece aritmética e álgebra melhor que seu mestre.

WILLEN

E que mancha não sei de que a correspondência entre o príncipe Maurício de Nassau e o Supremo Conselho em Amsterdã. E basta. A ordem é: escrever tudo de novo com correção e limpeza. Fui claro meu jovem Xesc?

XESC

A tinta de escrever está acabando, mestre.

(Silêncio)

XESC

Verdade. Pura aritmética. Quanto mais tinta se gasta, menos existe.

WILLEN

Então ponha na lista do navio que parte amanhã. Que venha de Amsterdã mais tinta de todas as cores e o mais breve possível. Importação e mais importação. E as arcas vazias.

XESC

Pedidos de tinta de escrever e outros itens correlatos, como penas e pincéis, só com a assinatura e autorização do príncipe de Nassau.

WILLEN

É verdade. Redija a petição que o dia ainda não começou e terei tempo de conseguir o timbre dele. O dia mal começou.

(Xesc parado.)

WILLEN

O que está esperando? Mova-se. Ao trabalho que dignifica e faz suar!

XESC

Maestro, não vou escrever a petição.

WILLEN

E por quê?

XESC

Shabat. Como bem sabe, os judeus, como eu, não trabalham aos sábados.

(Willen pega um chicote e sai atrás de Xesc que corre.)

WILLEN

Impertinente. Dissimulado. Preguiçoso. Vai cumprir minhas ordens até o sábado morrer em seu último suspiro. Com esse chicote vou lanhar teu corpo inteiro e prometo que vai passar duas luas imerso na salmoura mais avinagrada que encontrar.

XESC

Por favor maestro. Não, por favor. Não se altere, não será assim que suas vistas irão melhorar. Lembre. Sou seus olhos. O filho estúpido de Abraham. Seu aprendiz. Xesc.

(Willen baixa o chicote.)

WILLEN

Me faz perder o bom senso. As boas maneiras.

XESC

Há sempre tempo de recuperar...

WILLEN

O livro. O livro! Algo me escapava.

(Willen vai até a mesa e mostra o livro que Xesc escondeu.) (Xesc não sabe o que dizer. Balbucia umas palavras.)

XESC

O livro de medicina... Médica. Turco... Oriental...

WILLEN

Já tive a sua idade.

(Xesc tenta falar, mas se atrapalha.)

WILLEN

Parece que bebeu água de penico quando era pequeno... Silêncio. Escuta.

(Instantes.)

XESC

Mestre?

WILLEN

Não ouviu?

XESC

O quê?

WILLEN

Um gemido. Longínquo. Parou.

XESC

Não ouvi nada. Estava correndo de um chicote.

(Ouve-se agora sim um gemido). (Silêncio.)

WILLEN

E agora. Escutou?

XESC

Sim. Claro e triste.

WILLEN

Detesto fazer essas coisas. O príncipe de Nassau anda com umas vontades que escapam da minha compreensão.

XESC

É melhor ir, senhor. Se é uma vontade do príncipe Maurício... E assim depois será mais fácil conseguir a assinatura dele para o problema das tintas.

WILLEN

As tintas e manchas. A cada instante, por várias razões, me parecem motivos forjados. Tínhamos galões de tintas na bodega inferior.

XESC

Só falta dizer que eu tentei pintar o mar com tinta da Companhia das Índias Ocidentais. Agora sou ladrão e desatinado.

WILLEN

Estou num momento da vida em que creio que qualquer coisa é possível. Cada homem é um universo. Com certeza haverá um que queira pintar o mar. Busque minha capa ali. Já vi mares pintados de vermelho, era essência de algas e todos pensavam que era sangue. De amarelo, não era ouro. Era urina. Não era essa capa, a outra.

(Xesc separa a nova capa e coloca em Willen.

Escuta-se um gemido forte.)

WILLEN

Ele de novo. Pobre criatura.

(Instantes.)

XESC

Pensando bem. Claro. Como pude ter me esquecido. Existe um lote extra de barris de tinta bem de baixo da bodega. O mestre tinha toda razão como sempre. Estúpido, estúpido filho de Abraham.

WILLEN

Então, não necessita reescrever os documentos. Eles irão assim mesmo: em latim, borrados, com erros de concordância e ortografia. É mais do que eles merecem no Conselho decrépito em Amsterdã.

(Willen se afasta.)

WILLEN

Aproveite o seu Shabat, Xesc. Quanto ao livro de medicina turca, é estranho que todos os corpos são de turcas desnudas. Deve ser um livro de anatomia.

(O livro fica iluminado. Tudo escuro.)

CENA 2

CENA DO CORPO

(Local indeterminado / Masmorra / Noite)

(Foco sobre um homem desnudo de costas para a plateia.

É jovem, musculoso, pele clara, é Calabar.

Instantes.

Da sua nuca desce um filete de sangue que alcança as nádegas.

O corpo de Calabar brilha de suor.

Pouco a pouco, ao seu lado, vai nascendo a figura de mestre Willen, que sentado num banquinho se apoia numa bandeja com uma pena de escrever e papéis.

Willen lê o escrito com o papel próximo ao rosto.)

WILLEN

... E assim, eu, Domingos Fernandes Calabar, de agora em diante Capitão Calabar, filho da Coroa de Portugal.

CALABAR

Não sou filho da Coroa Portuguesa. Ela me deve tudo, eu nada a ela. Retire este trecho. Não sou português.

WILLEN

E o que escrevo sobre suas origens então? Lembro que, esse documento é um juramento e deve conter todas as formalidades.

CALABAR

Filho da Terra Brasilis. Nasci entre as areias do pontal e a colina de Olinda. Pais desconhecidos. Recolhido pela Santa Igreja Católica e se me consideram filho do reino de Portugal é pelo branco de minha pele. Sou filho deste solo.

WILLEN

(Tom) Bastardo sem pátria nativa.

CALABAR

De que mais formalidades precisa, senhor...

WILLEN

Mestre Willen, encarregado de todos os despachos do príncipe Maurício de

Nassau. Por vezes...

CALABAR

Por vezes... Prossiga.

WILLEN

Também me chamam, quando se aprazem, de eminente maestro e professor. Sou o responsável do Armazém Central, das importações e exportações, cartas, documentos e guardados. Censos e escritos.

CALABAR

Trata-se de um sábio, um homem de leis e letras. Um bacharel. Perdoa o atrevimento. E ainda me ver desnudo. Passe o linho, por favor.

(Willen entrega uma toalha de linho para Calabar.)

WILLEN

Digo, capitão Calabar. Existe um filete de seu sangue escorrendo nas costas.

(Calabar se seca, limpa o sangue, enrola o linho agora manchado de sangue na cintura e finalmente se vira.)

CALABAR

Não me pertence. É sangue inimigo. Depois de derramado não tem mais valor.

WILLEN

A sangue exatamente de quem se refere? A quem pertencia?

CALABAR

Sangue do mensageiro português que está morto.

(Silêncio.)

WILLEN

Como? Quê... Ele era homem de sua tropa, capitão. Dormiam na mesma cela. Era seu companheiro mais chegado.

CALABAR

Era um emissário português! Escondia mapas secretos. Torturei o parvo até a morte. Já disse: não sou português, jamais quis ser. Sou da Terra Brasilis. Eminente sábio, ainda não se convenceu? Os portugueses são tacanhos, mesquinhos e covardes.

WILLEN

Seu ato também foi de imensa covardia... Um companheiro de armada.

CALABAR

Seu príncipe de Nassau não pensa assim. Está feliz e radioso com os mapas portugueses que entreguei.

WILLEN

Sua alteza é um homem melancólico e doente, que por certo passa por dissabores aqui. Mas é firme de caráter.

(Calabar coloca um grosso anel de ouro e mostra a Willen. Willen perplexo.)

CALABAR

Reconhece o selo e brasão dos Nassaus neste anel, ilustre sábio? Essa foi a minha primeira recompensa do príncipe Maurício. A segunda é que jurarei fidelidade cega e duradoura na destruição das forças portuguesas. E fazer da companhia das Índias Ocidentais um negócio de açúcar ainda mais lucrativo do que é. Não era isso que queria escutar e escrever?

(Silêncio.)

WILLEN

Por que mata, sangra e trai sua própria gente? Por quê? São suas próprias raízes, carne e costume. Isto é traição. Sabe que se tornará um maldito entre os seus. Ser um maldito entre seus iguais o transformará numa alma penada.

CALABAR

A vida é um ato solitário, venerável sábio.

WILLEN

Sim. Sem dúvidas solitário. Todavia mais rico se for solidário.

CALABAR

O documento. Quero timbrar para ser mais um súdito do príncipe Maurício.

WILLEN

Ainda não acabei de redigir totalmente as exigências burocráticas do juramento.

CALABAR

Firmo assim mesmo, confio na honestidade dos sábios. E não se esqueça de escrever que o traidor por fim jura fidelidade a alguma coisa: Companhia das Índias Ocidentais. E que por ser escassa e pura será uma fidelidade preciosa de tão pouca, será aquela jamais vista.

WILLEN

Nunca diga jamais.

CALABAR

Estou ciente de minhas palavras e atos.

WILLEN

Jamais é uma palavra muito extensa, quase toca a eternidade.

CALABAR

Que quer dizer com isso, nobre escrevinhador?

WILLEN

Que talvez os seus “jamais” sejam diferentes dos “nuncas” de uma companhia de comércio.

(Willen apresenta o documento da bandeja.)

CALABAR

Outro detalhe, bom sábio. Quero roupas distintas. Não uso esses panos negros que chegam das terras da Holanda cheirando a mofo. Um capitão é um homem de garbo e mando. Tanto para defender como para atacar por seu príncipe e senhor.

(Calabar espreme o anel no documento.)

WILLEN

Saudações. De traidor português se transformou em senhor holandês. Muito bem.

(Cai luz.)

CENA 3

CENA DO VINHO (Escritório / Armazém / Noite)

(Agora, além do livro iluminado, há um baú.

Entra Xesc e se aproxima do baú. Abre-o com cuidado e tira uma caixinha. Instantes.

Xesc com cuidado abre a caixinha.

Seu olhar se surpreende.

Não vemos o que existe dentro da caixinha com detalhes em madrepérola. Escuta-se uma tosse.

Rapidamente Xesc coloca a caixinha dentro do baú e fecha.

Entra Willen.

Instantes.)

WILLEN

Tenho frio nas mãos e ao mesmo tempo observo inchaço nos dedos.

(Xesc se aproxima e retira a capa do mestre enquanto fala.)

XESC

Sua capa é muito pesada. Não faz sentido usar tantos panos no calor dos trópicos.

WILLEN

Tem razão. Por fim escuto algo coerente.

XESC

Mas também pode ser início da febre dos trópicos, que matou metade dos guardas e agora é visível no príncipe.

WILLEN

Cale-se, Xesc! Feche a boca!

(Silêncio)

XESC

Tinha uma surpresa. Certamente não interessa mais. Reescrevi o documento para Amsterdã. Sem manchas, borrões e sem saltar nenhum parágrafo.

(Silêncio.)

XESC

Escutou que disse, mestre? Além das vistas, o senhor talvez esteja sofrendo de surdez?

(O livro e o baú seguem iluminados. Silêncio.)

WILLEN

... Ele é... o traidor português que agora é capitão da nossa armada e exército... É... Possui uma mirada sem luz e servil, mas quando alguém se aproxima dele o olhar se torna malícia. O corpo começa a brilhar e se retesa enquanto exala uma mistura de suor, sêmen e sangue. Uma essência masculina atrativa e repugnante. Foi neste instante que senti o perigo: o medo de ter sido capturado pelo vil. Ele é um vil.

XESC

Um Dibuk. Ele é um Dibuk. Um demônio.

WILLEN

Não. Não é um diabo. É pior. É humano. E possui o caráter mais retorcido que alguém possa imaginar. Não possui piedade nem arrependimento.

(Silêncio.)

WILLEN

Maldito o homem que crê em outro homem.

XESC

Reporta-se ao príncipe de Nassau.

WILLEN

Curiosamente ele traz o príncipe entre os dedos. E não posso fazer nada. Basta. Tenho frio e calores. Sinto sombria sensação.

XESC

Mestre, parece cochichar com sua própria sombra. Não sigo seu pensamento. Seja claro.

WILLEN

Xesc! Pelo amor de Deus, conhece melhor que ninguém as contas da Companhia. Invadimos a parte do nordeste da Terra Brasilis dos portugueses. E para quê? Perdemos homens, materiais, gastamos fortunas, e os resultados são pífios. Mais problemas que açúcar de cana. Mais doenças que nascimentos. Mais tristezas que júbilos.

XESC

E capitão com isso?

WILLEN

O capitão. Calabar terá por missão atacar, destruir ou extorquir seja lá o que for. Fazendas dos colonos portugueses, terras indígenas, bando de escravos, nativos até que Amsterdã esteja inundado em açúcar.

(Silêncio.)

XESC

Não se altere, mestre. Tenho boas notícias: reescrevi os textos para o conselho decrépito.

WILLEN

Por mim... devíamos voltar para casa. Para o cachimbo, a lareira e as batatas. Os moinhos de vento.

(Instantes.)

(Entra a marquesa ricamente vestida, traz dois cálices e se abana com um leque.)

MARQUESA

Nem pense nisso, venerado mestre. O que seria desta terra... sem sua presença. Me imagino morrendo de tédio.

WILLEN

Senhora marquesa. Que prazer, não esperava sua visita.

MARQUESA

Pois avisei seu servente.

XESC

Ajudante e aprendiz, senhora marquesa.

WILLEN

Claro que ele não avisou. A preguiça e a indisciplina são folhas do mesmo galho.

XESC

Não tive tempo de falar, senhor. Reescrevi as cartas e ainda...

WILLEN

Basta.

MARQUESA

Olhe, meu baú chegou. Até que enfim. Como demorou essa encomenda. Obrigada, mestre.

XESC

Mestre. Escrevi uma nota em sua mesa sobre todos esses itens: visitas, chegadas de baús e tudo mais. Reescrevi o texto.

WILLEN

Basta.

(Silêncio.)

(A marquesa coloca os cálices sobre a mesa.)

WILLEN

Vejo que trouxe preciosos cálices e se permite servirei um vinho à altura da visita.

MARQUESA

Parece um adivinho, mestre Willen.

(Willen entrega uma chave grande e negra para Xesc.)

WILLEN

Xesc, vá até a bodega, abra a quarta porta do empório, retire uma garrafa do monte e retorne imediatamente. E não toque em nenhum livro de medicina turca.

(Xesc se retira.)

MARQUESA

Serventes são atrevidos. Devia ter escravos.

WILLEN

A política da companhia proíbe a escravatura.

MARQUESA

De todas as formas, seu servente italiano é abusado.

WILLEN

Se chama Francesco. É quase italiano. Tem por apelido: Xesc. É um inexperiente da vida.

MARQUESA

Criança que faz criança, não é mais criança. Dê-lhe umas boas chicotadas.

(Instantes.)

WILLEN

Quem apanha não esquece, quem bate sim. Mas a marquesa não veio até aqui para tratar de assuntos menores...

MARQUESA

O baú. Quando soube da chegada me transtornei. É minha última esperança para dar vida ao nosso príncipe.

WILLEN

Um baú.

MARQUESA

Não. O que está dentro do baú. Uma caixinha mágica.

WILLEN

“Mágica”? Como assim?

MARQUESA

É um segredo. Depois conto. O vinho não chega. Como pode notar tenho razão sobre escravos e serventes.

(Silêncio.)

WILLEN

Se me permite, existe uma série de questões que me parecem oportunas para serem tratadas. A senhora já importou estátuas italianas, gravuras orientais, pinturas francesas, livros de medicina turca, objetos de marfim, até glândulas de touros do Reino de Espanha. A contabilidade existe e está catalogada. Mas digamos que isso seja o de menos. O mais importante é que o príncipe Maurício continua apático como... como diria: uma cebola.

(Instantes.)

MARQUESA

É sempre bom lembrar, mestre, que cebolas fazem chorar. E eu choro. Choro de raiva e impotência. Uso todo o meu talento e ele nada. Seu néctar do prazer está perdido em nuvem densa. Nele não há prazer. Creio que nunca teve um orgasmo. Será que tem esperma? A servente disse que sim. Disse que derrama leite como quem corta as unhas. Posso jurar que sua profunda melancolia nasce devido à carência do prazer da carne. Ao acúmulo de sêmen.

WILLEN

Avisei que ele era um puritano.

MARQUESA

Os puritanos também procriam e exercitam o ato do amor carnal. Como todos os seres, não deixam de ter desejo. Nem que seja por uma porquinha.

(Silêncio.)

MARQUESA

Ele não tem atração por seres humanos, figuras eróticas ou textos profanos, nem animais, dores ou humilhações. Enfim, é uma cebola.

(Instantes.)

WILLEN

Um príncipe sem herdeiros, melancólico, falido, sem desejo ou vontade. E ainda com febre dos trópicos.

MARQUESA

Essa não é uma enfermidade. É uma maldição. Só ataca os holandeses.

WILLEN

Não vou dar ouvidos a crenças de nativos ignorantes. Comemos do melhor e mais sadio que vem de Amsterdã. Essa febre é um mistério sem fim.

MARQUESA

Mistério. Um homem que não goza não é natural. Também os seres que não choram. Se não choram, não amam.

WILLEN

Não goza, não chora, não ama... Mas esse não é o caso do príncipe Maurício. Ele chora. Chorou até em público.

MARQUESA

Estou falando em geral. O caso do príncipe, sei que é bem específico. Jamais sentir gozo e ponto.

(Silêncio.)

MARQUESA

Tentei de um tudo. Provoquei todas as vontades da carne. Até as mais aberrantes. Encenei tipos de sodomia. O mestre me conhece bem: não tenho vergonhas, nem escrúpulos... talvez por isso seja marquesa... Não julgo ninguém moralmente, porque não quero ser julgada. E se estou aqui há tanto tempo é que jamais fui derrotada por uma causa carnal.

(Entra Xesc com a chave e o vinho.)

XESC

O vinho.

MARQUESA

Deixe tudo sobre a mesa e retire-se.

(A marquesa se aproxima do baú.)

(Xesc se vai.)

WILLEN

E depois de tudo que conta, por que coloca suas esperanças num baú vulgar e numa caixinha “mágica”?

(A marquesa abre o baú e retira a caixinha com detalhes em madreperla sem abri-la.)

MARQUESA

Porque depois de futucar inúmeras vezes a neblina que encobre o prazer do príncipe, desconfio que encontrei uma passagem tão singela que jamais tinha levado conta. Sim. Essa caixinha contém o inesperado mais bem-vindo.

WILLEN

Espero que não seja um veneno.

MARQUESA

É mais que isso. É um segredo nobre entre um príncipe e uma fidalga marquesa.

WILLEN

Então ao vinho marquesa. Um brinde.

(A marquesa segura a caixinha e se abana com o leque.)

MARQUESA

Mudei de ideia. Um sábio, um vinho e uma mulher. Terei a tendência a contar a verdade sobre o conteúdo da caixinha.

WILLEN

Será uma descortesia não brindar comigo.

MARQUESA

Não, maestro. Um cuidado.

(A marquesa vai saindo.)

WILLEN

Por que guarda o segredo? Qual a importância? Parece que estou cercado de traidores. Isto é traição.

MARQUESA

As mulheres são assim mesmo querido mestre: cheias de segredos, vontades e humores. Capazes de minúsculas traições...

WILLEN

Guardam segredos e assim alimentam o interesse do macho.

MARQUESA

Minúsculas traições. As violentas deixamos para os poderosos. Boa noite.

(Cai a luz. Som de tambores militares.)

CENA 4

CENA DO TAMBOR

(Cortinado / Local indeterminado / Amanhece)

(Atrás de cortinas diáfanas o príncipe padece da febre.

Som de tambores.

O general se aproxima do cortinado onde se vê – tal teatro de sombras – o perfil do príncipe enfermo.)

PRÍNCIPE

Tambores militares... Ardo em febres e o eco dos tambores...

GENERAL

Calabar parte com a tropa, alteza.

(Silêncio.

A marquesa se apresenta em outro traje.)

MARQUESA

Amanhece, príncipe. Dia esplêndido. Seria tão agradável se sua alteza tivesse forças para ficar de pé.

GENERAL

Alteza, se me permite... Essa partida tão súbita do capitão Calabar... Só me leva a imaginar que o príncipe confia mais nos mapas deste impostor do que em meu conhecimento militar.

(Willen se apresenta junto do cortinado.

Se junta à marquesa e ao general.)

WILLEN

Massacrrou um companheiro de armas até a morte. Disse que tal atrocidade foi necessária em nome destes mapas, que nem sabemos se são verdadeiros.

(Silêncio.)

WILLEN

Talvez esteja fingindo. Nunca traiu os portugueses e a verdadeira traição agora surge em cilada. O traidor comete a verdadeira traição. Nos trai.

GENERAL

Príncipe! Ele levou nossa retaguarda e se os portugueses nos atacarem, seremos presa fácil. Estamos sem tropas nos flancos.

(O príncipe faz um sinal para a marquesa.)

MARQUESA

O príncipe Maurício quer dizer algo? Por favor, alteza, diga.

(Silêncio.)

PRÍNCIPE

... Mestre Willen, lembra-se da passagem do meu livro de cabeceira, aquele que trata da traição.

WILLEN

Certamente, alteza. E é um dos trechos mais interessantes.

PRÍNCIPE

E o que diz o livro?

WILLEN

... Começa assim: “A traição não é um mal teológico por completo, já que trouxe os maiores dos bens: Jesus Cristo. Se Judas não traísse, Jesus não ressuscitaria.”

PRÍNCIPE

É suficiente. Que Calabar prossiga como queira e bem entender. Alguém tem ideia melhor? As arcas estão vazias e os senhores dispensados.

(Instantes.

Nasce o sol.

Tudo se ilumina lentamente.)

MARQUESA

Alteza! Veja! O sol brilha. É dia azul. Os primeiros raios alcançaram a praia e vejo uma donzela desnuda trazendo um figo aberto e doce entre as pernas, ela alça seus braços...

PRÍNCIPE

Marquesa. É suficiente.

(Instantes.

A marquesa se aproxima do cortinado.)

MARQUESA

Alteza, chegou desde Barcelona a “caixinha mágica” de que tanto prosei e versei. Tem detalhes em madrepérola, mas importante é que observe o seu interior.

PRÍNCIPE

Suficiente. Está dispensada.

(Cai a luz.)

CENA 5

CENA DA CARTA (Escritório / Armazém / Dia)

MARQUESA

Aqui está uma escuridão. Abra a cortina.

(Xesc abre uma cortina.

Entra a luz do dia.

O livro, o baú, o vinho e as taças ficam iluminados.

Agora são peças permanentes do armazém.)

XESC

Um dia azul.

MARQUESA

Talvez eu tenha sido a primeira pessoa que viu o dia. Também estava no alto de uma torre... Agora sente e escreva... É uma carta urgente. Que siga no primeiro barco para Barcelona.

(Xesc senta e molha a pena no tinteiro.

A marquesa caminha pelo armazém.)

XESC

Sim, marquesa.

(Silêncio.)

MARQUESA

Sinto um mau humor... Sei que me odeia, porque te trato como um servente. Isto é certo?

XESC

Sim, senhora marquesa.

MARQUESA

Não pense que é melhor que os outros só porque sabe combinar umas letrinhas num trapo de papel.

XESC

Sim, senhora marquesa.

MARQUESA

Escreva que sinto falta dela, de minha prima Eunice. E que a caixinha que mandou ainda não surtiu o efeito desejado porque...

XESC

O príncipe Cebola ainda não abriu.

(Silêncio.)

MARQUESA

Mulheres maduras jamais deveriam se aproximar de rapazes de 17 anos.

XESC

Não parece, mas sou mais velho, tenho mais que 17... Desculpe, marquesa, pelo atrevimento do dito “príncipe Cebola”.

MARQUESA

Escuta minhas conversas com seu patrão Willen. Não é verdade?... Deve portanto bisbilhotar minhas encomendas marítimas... Responda ou será açoitado!

XESC

Sim, marquesa. Os livros e tudo o mais.

MARQUESA

A caixinha...

XESC

Também, marquesa. Conheço o conteúdo.

(Silêncio.)

MARQUESA

Conhece o conteúdo da caixinha... Então estou nas mãos de um rapazote, um púbere que mal sabe tocar uma mulher?... Certamente não conhece as minúcias das reentrâncias das fêmeas e se atrapalha no conjunto como se fosse um pavão manco?

XESC

Não sou tão inexperiente como imagina.

MARQUESA

Não me diga! Então pare de escrever. Vá a caminho da cortina junto à luz do dia.

XESC

Para quê?

(Instantes.)

Xesc se levanta e caminha.)

MARQUESA

É uma ordem.

XESC

Sim, senhora marquesa.

(Xesc ao chegar à cortina se esconde atrás dela.)

MARQUESA

Se colocou atrás da cortina escondido, por quê? Gosta do escuro? Como se fosse um ratinho no breu?

(A marquesa espalma sua mão no volume da cortina onde se encontra escondido Xesc.)

MARQUESA

Tímido. Dezesete anos.

(A Marquesa mete a mão dentro de uma fenda que existe na cortina)

MARQUESA

Sinto que tem o vigor da idade... Dezesete anos. Infelizmente, rapazote, é pouco para uma aristocrata.

(Instantes.)

Subitamente, com a outra mão, a marquesa puxa a outra parte da cortina e olha o corpo escondido de Xesc.

(Instantes.)

(Não vemos nenhuma nudez ou sequer Xesc. Só o volume de seu corpo tapado pela cortina.)

MARQUESA

É judeu. Um judeu que se passa por italiano. Falsa identidade. Um impostor... Judeu!

(Xesc continua atrás da cortina.)

A marquesa larga a cortina e se afasta.)

XESC

Os protestantes holandeses não perseguem os judeus.

MARQUESA

Mas os portugueses sim. E por acaso estamos cercados por eles. E se as coisas estão como estão, logo, logo, eles estarão por aqui.

(Silêncio.)

MARQUESA

Jovem Xesc, escute com atenção... Não vou dividir com ninguém meu último trunfo... Não abra a boca para ninguém. Ninguém pode saber o conteúdo da caixinha de madrepérola. Fui clara? Como sou católica, será um prazer criar uma intriga até conseguir que seu taludo e descoberto pinto esteja nas mãos da Santa Inquisição.

(A marquesa vai saindo.)

MARQUESA

E outra coisa. Por hoje não vamos escrever para a prima Eunice. Perdi a inspiração.

(A marquesa sai.)

Cai a luz. Acaba o dia.

Numa ampulheta escorre a areia.)

CENA 6

CENA DA COURAÇA (Escritório / Armazém / Noite)

(Luz sobre a ampulheta que escorre a areia.

Willen lê com sua lupa.

O tempo passa por intermédio da areia.

Xesc rabisca um papel.)

WILLEN

Xesc, estude a lição de latim...

(Silêncio.)

XESC

Mestre, por que odeia tanto o capitão Calabar? Afinal, ele está do nosso lado.

WILLEN

Odiar é uma palavra muito forte.

XESC

Que seja outra então. Raiva, pode ser?

WILLEN

Não. É um pouco mais complicado... Ele é aquilo tudo que eu queria ser, ou deveria ter sido... Sinto inveja dele. Inveja, essa é a palavra. Da ferocidade com que se deixa levar pela vida. Na voracidade e franqueza com que despeja seus desejos mais abjetos.

XESC

Um traidor? Como pode ser uma pessoa franca?

WILLEN

Não se iluda. Calabar é claro feito água límpida. Sabe exatamente o que quer e como irá conseguir.

(Instantes.

Calabar sai da escuridão. Está trajando uma couraça de metal surrada e opaca, as botas e vestimentas estão sujas de suor, sangue e sujeira.)

CALABAR

Quanto tempo. Já tinha até me esquecido do gosto de um bom vinho europeu.

(Calabar abre a garrafa de vinho iluminada e serve o vinho. Willen e Xesc estão perplexos.)

XESC

Capitão Calabar.

WILLEN

Chega assim sem avisar... Não mandou mensageiros.

XESC

Tanto tempo... julgamos que...

CALABAR

Gosto de surpresa. Cavalgo antes da tropa porque me apraz. Cavalgo noite a dentro. O vento que vem do mar resvalando no rosto. Me dá sensação de liberdade. Soltura.

(Calabar tenta retirar a couraça.)

WILLEN

Ajude o capitão.

(Xesc tira a couraça de Calabar.)

(Nesse instante no armazém se ilumina uma couraça de prata e um uniforme azul com dobrões dourados.)

CALABAR

Olha! Meu uniforme chegou. É azul, com dobrões dourados... E a couraça toda nova. De metal prateado. Como um cavaleiro de verdade. Um guerreiro...

(Calabar ri de felicidade.)

WILLEN

Desembarcaram faz alguns dias. Realmente é tudo muito bonito.

(Calabar toca o uniforme e a couraça nova enquanto bebe vinho.)

CALABAR

Tenho novidades, mestre sábio.

WILLEN

Xesc, leve a couraça velha do capitão e pode se retirar.

XESC

Sim, mestre.

(Xesc sai levando a couraça velha.)

(Calabar senta-se na cadeira de Willen e bebe vinho.)

WILLEN

E as novidades?

CALABAR

Boas. Lutei batalhas e mais batalhas. Depois de uma batalha vinha outra, e depois outra. E mais outra. Lutei todas as batalhas. E venci.

WILLEN

Beba mais vinho.

(Willen serve Calabar, que bebe.)

CALABAR

Um montão de batalhas.

WILLEN

Sem dúvida.

(Silêncio.)

CALABAR

Olhe bem no horizonte. O que vê?

(Willen de pé olha para a escuridão.)

WILLEN

Nada. A noite. O luar. Sombras.

CALABAR

Não vê a silhueta de montes enormes, como montanhas, que deslizam no longe feito camelos pelo deserto?

(Willen tenta enxergar ao longe.)

Desenho da silhueta de três volumes, dois deles grandes, se ressaltam iluminados no armazém.

Além do livro, couraça e roupas novas de Calabar, o cálice de vinho, já iluminados.

Todos os objetos iluminados ou delineados pela luz.)

CALABAR

São três presentes de minha parte. O primeiro é para o príncipe, o segundo para o general e o terceiro...

WILLEN

Para mim.

(Calabar ri.)

WILLEN

Beba mais capitão.

CALABAR

Pode servir.

(Willen constrangido serve, Calabar bebe.)

WILLEN

Quantos mortos?

CALABAR

Incontáveis. Como também os incêndios, apropriações e saques. Praticamente somos donos do nordeste do Brasil, da região inteira de Pernambuco. Podemos marcar os limites e criar fronteiras.

(Silêncio.)

CALABAR

Não está feliz com a vitória?

WILLEN

Muito... Mas sabia onde atacar porque conseguiu os mapas corretos de seu companheiro.

CALABAR

Matei por esses mapas!

WILLEN

Sem dúvida. Mas precisava seguir matando populações inteiras? Não seria mais humano e inteligente vencer o inimigo, dominando sem destruição ou massacres desnecessários? Agora todos os nativos de Pernambuco nos odeiam. Os holandeses serão os novos portugueses!

CALABAR

Ao contrário, amam os holandeses. Amaram de prazer quando viram nossa tropa esquartejar os portugueses.

WILLEN

Como podem: seus próprios senhores.

CALABAR

Senhores? Algozes! Os portugueses tratam os nativos como gado. Boi.

(Instantes.)

CALABAR

Por que não bebe?

WILLEN

Sofro de enxaqueca.

(Calabar bebe.)

CALABAR

Bom vinho. Cor de rubi. Batalhas e mais batalhas. E sangue, muito sangue... O mais perturbador foi descobrir que sangue atrai sangue. Tudo vermelho como um enorme rubi desfeito...

(Silêncio.)

CALABAR

Responde, mestre. Por que sinto prazer com aquilo que os outros repulsam?

WILLEN

Depende do quê. Com que sente prazer?

CALABAR

Com o sangue... Sangue alheio.

(Pano de linho manchado de sangue se ilumina.)

CALABAR

Quanto mais escorre... mais volúpia tenho.

CALABAR

Responde. É capaz de responder?

(Silêncio.)

Um galo canta ao longe.)

CALABAR

Cansado. Sem vontade de dobrar uma perna.

(Calabar bate palmas com força duas vezes.)

Entra uma escrava jovem, morena e linda.)

CALABAR

Tire minhas botas, escrava.

(Ela se ajoelha e começa a tirar as botas de Calabar.)

WILLEN

...Uma escrava.

CALABAR

Uma escrava. Adquiri na primeira batalha que venci. Me serve há seis luas. Faz o que quero e mando. É um bicho treinado e calado.

WILLEN

As normas da Companhia das Índias proibem que seus funcionários tenham escravos ou algo parecido.

CALABAR

Ter escravo não se permite... Não se permite! *(risos)* Mas a mão de obra das fazendas da Companhia é de escravos! E ainda da Holanda os barcos que trazem os negros da África. Afinal pode ou não pode?

WILLEN

O capitão se passou no vinho. É também letrado em demasia para seu posto.

CALABAR

Fui letrado e escravo dos jesuítas. Leio e escrevo em latim. Decorei declinação e verbos comendo restos de comida e limpando latrinas.

(Silêncio.)

WILLEN

Se os holandeses são assim tão hipócritas, por que se juntou a nós? Holandeses e portugueses afinal são farinhas do mesmo saco.

(Calabar sai caminhando com a taça.)

CALABAR

Não. Os holandeses são hipócritas, os portugueses são cínicos... Eles representam uma Coroa... Já a Holanda não é uma nação, é um negócio... Portugal, uma Coroa... A Coroa tira da terra, os negociantes deixam coisas na terra... Um tira, o outro deixa. Todos igualmente mesquinhos... Os civilizados mesquinhos.

(Calabar sai de cena com seu cálice. Ri.)

CALABAR

Uma couraça... de prata.

(Ficam Willen e a escrava segurando as botas.)

WILLEN

Escrava. O que espera? Siga seu dono.

ES CRAVA

Agora não devo. O galo já cantou e o capitão se põe a comer sozinho, frutos silvestres e limões.

WILLEN

E desde quando um guerreiro come alimentos tão sem força? Frutas silvestres são tóxicas e os limões são amargos.

ES CRAVA

Para ficar bom e sadio, e não ter a febre dos trópicos.

WILLEN

Como disse?... Evita a febre dos trópicos?

(Luz cai rapidamente.)

CENA 7

CENA DO FRUTO

(Local indeterminado / Armazém / Noite)

(Foco sobre Xesc.

Xesc corta frutas tropicais: carambolas, abacaxis e saptis. Enquanto corta, espreme outras num pano sobre um prato de prata. O suco das frutas escorre e mancha o prato de prata.)

XESC

...Mestre... Para que serve isto... Esses frutos são tóxicos e aguados... Se alguém beber esse caldo vai se esvaziar em diarreias. Mestre, acaso pretende envenenar Calabar?

WILLEN (Off)

Basta. Faça o ordenado.

(Xesc segue seu trabalho.

Instantes.

Luz se mantém.)

CENA 8

CENA DO UNIFORME (Local indeterminado / Noite)

(Foco sobre Calabar.)

CALABAR

O uniforme de gala.

(A escrava com delicadeza e carinho veste Calabar com o novo uniforme.)

CALABAR

O que acha dele? Dos detalhes?

ES CRAVA

É lindo, meu dono.

(Instantes.)

Ela continua trajando Calabar. Ação e luz se mantêm.)

CENA 9

CENA DA SOPA

(Local indeterminado / Cortinado do príncipe / Noite)

(A sombra do príncipe se ilumina dentro do cortinado que cobre seu leito. Ao seu lado vemos mestre Willen segurando uma cuia de prata.)

WILLEN

Alteza! E depois de pesquisar, estudar alfarrábios e refletir com afinco, formulei uma pergunta: por que a natureza proveria a Terra Brasilis só de frutos tóxicos?

PRÍNCIPE

Mestre Willen, foi o senhor mesmo que me convenceu a evitar esses frutos. Disse que o aroma inebriante que exalam disfarçava um forte veneno.

WILLEN

Príncipe Maurício de Nassau...

PRÍNCIPE

Um momento. A partir desta afirmação, nós, os holandeses, só comemos toucinho, bacalhau salgado e batatas. Comida com substância que nos livra da fraqueza e da peste.

WILLEN

Isto é certíssimo, alteza. Aliás, é o que acontece nos reinos europeus. Porém quase sempre na raiz do problema encontramos a solução... Estou me referindo ao mistério da febre dos trópicos. Pelos meus cálculos, químicas e estudos profundos, certas quantidades deste veneno aguado, muito bem dosadas e misturadas por mim, são capazes de evitar e extirpar a febre dos trópicos!

(Instantes.)

Ação e luz se mantém.)

CENA 10

CENA DO VENENO

(Cortinado / Recanto dos frutos / Traje de Calabar / Locais indeterminados e concomitantes / Noite)

(Xesc segue concentrado em seu trabalho.)

XESC

Mestre... A cana-de-açúcar é um fruto vegetal... Mestre, se todos os frutos silvestres são tóxicos... Deus! O açúcar que vendemos é um veneno!

(Luz de Xesc se apaga.)

A escrava termina de vestir Calabar.)

CALABAR

Como me vê?

(Instante.)

ES CRAVA

Parece um príncipe.

(Foco de Calabar se apaga.)

Willen entrega uma cuia de prata para o príncipe.)

WILLEN

Beba. Vai atenuar sua febre e melancolia.

PRÍNCIPE

Isto é asqueroso. Parecem ostras perfumadas.

WILLEN

É uma sopa viscosa, nem fria, nem quente, contém sapotis, carambolas e jabuticabas.

PRÍNCIPE

Não prossiga. Essas palavras nativas não me servem de nada.

(Instantes.)

O príncipe bebe da cuia.

Cai a luz total. Entra o som vibrante de uma trombeta.)

CENA 11

CENA DA TROMBETA (Escritório / Armazém / Dia)

XESC

Sua alteza sereníssima!

(Os objetos – livro, linho, cálice, couraça, baú, etc. – e os novos volumes do armazém se iluminam.)

(Entra o príncipe de Nassau. Willen, a marquesa, Xesc, o general e Calabar, de uniforme novo, fazem discreta reverência.)

MARQUESA

Quando me contaram de sua súbita recuperação... Fiquei alegre. Me senti como uma menina correndo pela areia fresca da manhã.

PRÍNCIPE

Espero que a moça não tenha um figo aberto entre as pernas, pois pode tropeçar e cair.

(Silêncio.)

PRÍNCIPE

Sobre o tema de minha saúde, falarei mais tarde, a quem quiser ouvir. Agora quero escutar Calabar e sua jornada pelas terras de Pernambuco.

(Calabar caminha enquanto se aproxima dos três volumes cobertos.)

CALABAR

Meu príncipe, não sou guerreiro de palavras. Só acredito naquilo que alcanço com a mão e vistas.

PRÍNCIPE

O que se esconde atrás daquele volume?

CALABAR

Ouro, pedras, pratas e esmeraldas. Joias para dar suprimento ao tesouro da Companhia.

(Calabar o descobre e revela uma arca que está repleta de joias.)

CALABAR

Ali naqueles sacos?

(Vê-se uma pilha de sacos de pano rústico.)

Calabar espeta e rompe um saco com sua faca. Açúcar escorre em profusão.)

CALABAR

Açúcar. Ouro branco da mais pura cana. Açúcar suficiente para encher todos os diques de Amsterdã.

(Todos extasiados.)

CALABAR

E mais, meu príncipe. Para seus planos militares e defesas. Mapas, réguas...

(Destapa uma bandeja)

CALABAR

...Compassos e tábuas, matemáticas dos trópicos, desenho de correntes marítimas e distâncias terrestres corretas.

GENERAL

Os apetrechos e mapas secretos portugueses!

CALABAR

São ariscos e espertos os portugueses. Por isso dominaram as terras e os mares. Como descobrem o mundo antes de todos, fazem mapas com perfeição e depois distribuem falsos para outras Coroas e Comércios. Foi assim que enganaram os espanhóis com o Tratado de Tordesilhas, quando dividiram o sul do mundo. A Coroa de Espanha pensava que era pouca terra para dividir, mas Portugal sabia que os mapas escondiam um continente chamado Terra Brasilis.

WILLEN

Agora falas bem dos portugueses... Não se recorda que disse que eram tacanhos... Mesquinhos, incapazes de possuir conhecimento.

CALABAR

Digo que são perigosos.

GENERAL

Muito bem dito, capitão.

(Príncipe levanta a mão.

Silêncio.)

PRÍNCIPE

...Com certeza este é um dos dias mais auspiciosos da Casa de Nassau. Capitão Calabar, aproxime-se.

(Calabar faz menção de ajoelhar-se)

PRÍNCIPE

Não. Não precisa ajoelhar. Guarde suas forças para receber minha gratidão.

PRÍNCIPE

Agora possui um príncipe à altura de seus esforços.

CALABAR

Alguém acredita em mim. Um príncipe acredita em mim.

(Calabar beija o anel do príncipe.)

PRÍNCIPE

Calabar. Graças ao tesouro e ao açúcar vou realizar um sonho: construir uma cidade europeia nos trópicos.

(Instantes)

MARQUESA

Alteza. Que esplendor!

PRÍNCIPE

Trarei móveis, pedras, arquitetos, tintas, pintores e músicos para dar vida à cidade Maurícia.

(Todos admirados e perplexos.)

GENERAL

Enfim a Companhia das Índias Ocidentais terá uma sede de acordo com sua importância.

WILLEN

...Não tenho palavras, alteza.

MARQUESA

A cidade Maurícia.

CALABAR

...Tudo que imaginei e não tive tempo de sonhar... Maurícia, uma cidade espetada nas cristas de Pernambuco. Entre o pontal e o mar... Isso é tudo que queria. Por isso lutei. Lutei. Luto... Essa é, sem dúvida, a maior recompensa que sua alteza pode dar à Terra Brasilis e a mim.

PRÍNCIPE

Então está dada. Faremos Maurícia. E assim pagarei minha dívida com os nativos e seu guerreiro.

(Calabar agradece com uma reverência)

PRÍNCIPE

Triunfo, senhores, se paga com júbilo! E para dar um desfecho à altura deste momento.

(O príncipe faz um sinal.)

Entra Xesc trazendo numa almofada de veludo um colar de ouro de placas grandes, representa uma espécie de comenda poderosa que pelo brilho e peso se nota.

Silêncio.)

MARQUESA

O colar do conselheiro mor. A venerável comenda de Orange.

(Calabar se adianta)

PRÍNCIPE

Mestre Willen, aproxime-se.

(Calabar se afasta.)

Willen abaixa a cabeça em frente ao príncipe.

O príncipe coloca o colar em Willen.)

PRÍNCIPE

Porque, senhores, nada disso teria acontecido se mestre Willen não tivesse me salvo da escuridão da febre dos trópicos. Com ele aprendi um segredo nativo: o macerado de frutas tóxicas tomado antes do amanhecer.

(Instantes)

CALABAR

Como descobriu os poderes da beberagem?

WILLEN

Estudando. Estudando noite adentro.

MARQUESA

Além de mestre é alquimista. É todo um saber.

PRÍNCIPE

De agora em diante mestre Willen será o conselheiro mor da Companhia e do Principado.

PRÍNCIPE

Jamais retire o colar dos Orange, por mais pesado que seja o ouro. Pois ele também lhe concede o título de conde das terras de Pernambuco, nobreza sagrada por mim em nome da estirpe dos Nassau...

(Príncipe faz menção de sair.)

WILLEN

A comenda de Orange...

PRÍNCIPE

Sem palavras. Sua primeira missão, honorável conde, será de erguer a civilização nos trópicos, tão perfeita como a holandesa.

(Todos fazem uma reverência)

PRÍNCIPE

É suficiente por hoje.

(A marquesa dá um passo adiante.)

(Instantes.)

PRÍNCIPE

Que a marquesa me acompanhe.

(Príncipe e marquesa saem. Cai a Luz.)

CENA 12

CENA DA CAIXINHA

(Cortinado / Local indeterminado / Recanto do príncipe / Dia)

(Luz no cortinado.

O príncipe retira sua capa e vai entrando no cortinado.

A marquesa chega com a caixinha nas mãos.)

MARQUESA

Creio que chegou o momento de sua alteza abrir a caixinha.

PRÍNCIPE

Existem seres que não necessitam do prazer carnal. E por serem castos são superiores!

MARQUESA

Certamente. São superiores aqueles que ultrapassaram o prazer carnal... Mas aqueles que jamais alcançaram o prazer: como chamaria?

(Instantes)

PRÍNCIPE

...Fico com ela. Passe a caixinha.

(A marquesa entrega a caixinha para o príncipe e sai.

O príncipe entra no cortinado com a caixinha.

Luz e ação se mantêm.)

CENA 13

CENA DO OURO

(Local indeterminado / Recanto de Calabar / Dia)

(Foco sobre Calabar.

A escrava retira o uniforme de Calabar.)

CALABAR

O colar é mais reluzente que meu anel! Mais ofuscante que minha couraça prateada! Injusto. Foi injusto. Um venerável conde mor! Das terras de Pernambuco e arredores! Maurícia é... Minha Maurícia! Minha! Porque tive a cidade na mente antes de qualquer forasteiro. Sonhei uma cidade nativa antes deles.

(Escrava segue seu trabalho.)

(O príncipe, atrás do seu diáfano cortinado, depois de momentos de curiosidade, abre a caixinha.

Instantes.)

(Ação e luz se mantêm nas duas situações.)

CENA 14

CENA DA JAULA (Armazém / Recanto da jaula / Dia)

(Luz sobre o general e Willen que usa o colar.

Willen tem uma caixa na mão cheia de carimbos.)

WILLEN

E para mim, Calabar me presenteou com carimbos e selos oficiais da Coroa Portuguesa. Roubados, é claro. Disse que deveria usar para criar documentos falsos, informações mentirosas e assim semear o caos na burocracia portuguesa... É um desatino. Uma imoralidade.

GENERAL

Efetivamente um imoral. Aliás, estou convencido que não existe pecados na Europa, só moralidades. Deve-se aceitar: ...os nativos são mais pecaminosos que os europeus.

(Instantes)

WILLEN

Pode ser, general. E qual foi sua prenda? O traidor lhe presenteou com quê?

(O general se aproxima de uma jaula.

Luz toma conta da jaula. Vemos uma índia jovem, linda, tem o corpo pintado discretamente e usa penas para cobrir as partes.

Instantes.

Reação de Willen. A imagem é impactante e bela.)

GENERAL

Uma índia casamenteira. Filha de uma estirpe indígena reconhecida em cartório. Pura e serena como deve ser a esposa de um general.

WILLEN

Como disse?

GENERAL

Imaculada. Linda. Virgem. Perfeita para ser minha esposa!

(A índia começa a dizer palavras incompreensíveis. Um idioma monossílabo e monótono. Está calma e tranquila.)

CENA 15

CENA DA MORDIDA

(Cortinado do príncipe / Recanto de Calabar / Jaula / Local indeterminado e concomitantes / Dia)

(O príncipe, sempre atrás do cortinado e entre lençóis, examina o interior da caixinha e se masturba discretamente. Sente o prazer olhando para o conteúdo da caixinha, mas ninguém (...) vê o conteúdo.

A escrava afaga Calabar.)

CALABAR

Escrava. Não choro. Não me arrependo. Não amo ninguém.

ES CRAVA

Mas a escrava chora de amor, capitão. A cada instante. Suplico, me ame.

(Calabar cede. Começam a se tocar amorosamente.

Em frente à jaula, o general sorri com amor pela índia.

Willen perplexo.)

GENERAL

Minha esposa. De véu e grinalda. Foi amor à primeira vista. A cerimônia será nos ritos de nossa fé protestante.

WILLEN

Outro desatino. Um casamento religioso.

GENERAL

Arranje uma maneira legal para que o matrimônio se realize na lei e na ordem, conselheiro. Sei que consegue. Ela fica aqui aos seus cuidados e atenções, até que se possa mostrá-la aos nossos.

(O general encosta a mão na jaula.

Ele tenta acariciar o cabelo dela.)

(Subitamente, a jovem se vira e morde a mão do general.

Ele grita e recolhe a mão.

O filete de sangue escorre da mão do general.

Calabar e a escrava se beijam na boca.

O príncipe chega ao orgasmo.)

(Cai luz geral)

CENA 16

CENA DO ANEL (Escritório / Armazém / Noite)

(Um relâmpago explode na janela.

Chove.

Xesc, com outro traje, corre à janela.)

XESC

Mestre. A estação das chuvas chegou. Tardou mas aportou.

(Xesc corre e fecha a cortina.)

XESC

Vai fazer pé de vento. Vou fechar a cortina.

(O armazém e seus objetos se iluminam. São desenhados pela luz.

Vemos o general junto à jaula. Dentro vemos a índia, linda e plácida, mas agora veste um vestido sujo e surrado pelo uso.

Existem restos de comida, frutas e feno na jaula. Sinais de que a índia está sendo “civilizada” há algum tempo.

Willen lê com sua lupa e usa o colar.

Xesc fecha a cortina.

Calabar esparramado numa cadeira bebe vinho.

Instantes.

Chuva segue.

A índia fala umas palavras incompreensíveis e monótonas.

O general embevecido observa sua noiva.

A índia busca no fundo da jaula um troço de cana descascada e carinhosamente coloca na boca do general.)

GENERAL

Viram? Vê! Ela está me dando um pedaço de cana. Dia a dia me ama um pouco mais. Cada vez mais dócil e sensível. Demorou várias luas, mas está aprendendo a se comportar mesmo que seja dentro de uma jaula.

WILLEN

Ainda não sabe se vestir com propriedade...

(A índia fala um pouco mais alto)

GENERAL

Calma... Infelizmente ainda fala esta cantoria monótona e incompreensível. Ela está fazendo um sinal...

(Calabar bate palmas.)

CALABAR

Mais vinho.

(Entra a escrava e serve Calabar.

A índia usando mimica encena, entre grades, que quer dormir.

O general fica aflito.)

GENERAL

Ela quer me explicar alguma coisa.

(Instantes)

(A escrava e a índia se entreolham com intensa cumplicidade.)

GENERAL

Viram como nos entendemos? Está dizendo que quer dormir.

(A escrava sai.

Calabar bebe. O general cobre a jaula com um pano.)

GENERAL

Boas noites. Logo chegará o dia que sairá destas grades e irá conhecer a corte. A vida de verdade. Prometo. Palavra de militar.

(O general cobre a jaula com o pano. Não vemos mais a índia. Segue ruído de chuva e trovoadas.)

Instantes.

Calabar dá uma risada.)

WILLEN

Basta de vinho, capitão.

CALABAR

General! General. O que é, o que é? Que é uma empresa comercial, mas tem um príncipe regente com um principado na cabeça. O que é, o que é? Que não pode ver um escravo, mas dele vive.

WILLEN

Basta.

CALABAR

E quem é, e quem é? Que conde se tornou, quando segredos nativos roubou.

GENERAL

Capitão.

(Calabar se cala)

WILLEN

Sou o conselheiro - mor. Não vou suportar suas insinuações mentirosas de que roubei segredos nativos e que portanto devo ter traído a confiança de alguém. Nunca precisei trair para conseguir o saber e títulos.

CALABAR

O segredo me pertencia. Fui eu quem intuí e descobri. Era só meu.

WILLEN

Um segredo que jamais deveria ter sido um segredo. Todos os holandeses estão salvos da febre dos trópicos. Todos. Sopa de frutos agora é obrigatória nos povoados e, por conseguinte, estamos livres dessa infelicidade. Que mais quer? Assunto encerrado.

CALABAR

Ainda descubro como conseguiu a beberagem. Serei implacável.

WILLEN

Escutei uma ameaça?

(Silêncio)

GENERAL

Senhores. Calabar... Capitão, essa discussão é inútil. Só reflete seu descontentamento pelos novos decretos do conselheiro-mor.

WILLEN

O general chegou ao centro da questão. Mantenho o decreto que nossos esforços se concentrem na construção de Maurícia. Também estão proibidas as expropriações, matanças e guerras. Já temos território em demasia.

CALABAR

Sem chicote ninguém trabalha!

WILLEN

Pagaremos pelo trabalho alheio e cobraremos impostos.

GENERAL

Senhores. Já se faz tarde. Conversam em demasia.

CALABAR

Só sei fazer guerras, general. Ganho a vida assim. De que vou viver?

WILLEN

Te daremos terras.

CALABAR

Que terras? Estão todas ocupadas pelos colonos e a Companhia.

GENERAL

Sobram as terras indígenas.

CALABAR

Posso massacrá-los, poderoso conselheiro?

WILLEN

Não! Impossível. Mantenho o decreto.

CALABAR

Para os católicos, os índios não tem alma.

GENERAL

Mentira. É uma verdade bíblica, moral e irrefutável! Têm sim. Estive com o reverendo. Jesus se revela em todos os seres.

WILLEN

Basta de teologia.

(Silêncio)

WILLEN

Não retiro a palavra dita. Se os índios deixarem suas terras sem agressões e violências por parte do capitão, elas serão de Calabar.

CALABAR

Mas o que é isso? Uma charada de mau gosto? Pensa que os índios são idiotas? Ou serei eu idiota?

GENERAL

Conselheiro... Encontro pouco provável que os índios se retirem de suas terras para dar passo à Calabar.

WILLEN

...Calabar sempre pode voltar para seus antigos senhores: os portugueses.

(Silêncio)

WILLEN

General. O que reza o código militar da Companhia das Índias sobre ordens, decretos e leis?

GENERAL

Bem... O Código interno é categórico... Neste aspecto... Como decreto é decreto, trata-se de uma ordem a ser cumprida sem discordâncias. Uma espécie de voto de obediência.

WILLEN

O Código interno fez parte do texto de seu juramento, Calabar. Aquele que timbrou. Lembra?

(Calabar torce seu anel de ouro.)

WILLEN

Logo que o príncipe assinar esses decretos, eles se tornam leis.

GENERAL

Calabar, que nossos esforços se concentrem na construção de Maurícia.

WILLEN

Bem dito, general.

GENERAL

Até lá minha prenda estará preparada para ser uma esposa civilizada.

WILLEN

Talvez a cerimônia possa se realizar na ala das arcadas do novo palácio.

GENERAL

Seria uma honra... O primeiro matrimônio formal de Maurícia.

(Silêncio)

(Calabar reage subitamente.)

CALABAR

...Serei o padrinho. Eu serei o padrinho.

GENERAL

...Ainda temos tempo. Todavia não escolhi o padrinho.

CALABAR

Creio que cabe a mim ser o padrinho, já que fui aquele que, de certa maneira, apresentou a noiva.

WILLEN

Tem razão... É uma formalidade justa.

(Silêncio)

CALABAR

Vou presentear a indígena com o mais branco e impecável vestido de noiva. Será cerzido na Ilha da Madeira.

GENERAL

Ilha da Madeira é território inimigo!

CALABAR

Conheço um discreto negociante inglês. E aos ingleses tudo é capaz! *(risos)* ...Pagarei, o que necessário for, pelo vestido jamais concebido.

GENERAL

Não exagere, Calabar.

WILLEN

Efeitos do vinho.

(Um vestido de noiva com grinalda de flores e véu se ilumina junto dos outros objetos do armazém.)

(O vestido flutua no ar.)

(O armazém já está repleto de coisas e cargas.)

GENERAL

Na sua atual situação, capitão. Uma bondade dessas vai lhe custar fortunas.

CALABAR

Permito-me a ousadia, sou assim... O mais fino dos bordados... o mais transparente dos tecidos... O símbolo mais sagrado de uma união: um vestido de noiva... General, não pretendo me casar, o amor para mim é uma fantasia distante... um perigo que faz um general perder a guerra do amor!

(Calabar ri. O general também.)

(Willen calado. Instantes.)

Calabar tira o anel de ouro e coloca sobre a mesa.)

CALABAR

Não preciso mais deste anel. Pouco metal para muita desilusão. Não quero ser mais guerreiro holandês.

(Calabar vai saindo.)

CALABAR

Me avisem quando o vestido desembarcar... Da Ilha da Madeira.

(Calabar sai.)

(Cai luz geral.)

(Som de chuva caindo toma conta.)

CENA 17

CENA DA TINTA (Escritório / Armazém / Noite)

(Tudo escuro.)

(A chuva continua.)

(Entra Xesc segurando uma lamparina, corre para a jaula coberta.)

Alguns dos objetos do cenário do armazém se iluminaram: são quadros lindíssimos de artistas holandeses do período.)

XESC

As embarcações não param de zarpar e ancorar.

(Xesc começa a tirar a roupa.)

XESC

São plantas, livros, quadros... Pedras. Volumes e cargas.

(Debaixo de sua roupa, notamos que o corpo está pintado e ornamentado, mais ou menos, com os desenhos da índia.)

(Xesc enquanto tira a roupa passa a mão num pote de tinta e intensifica a pintura já existente na pele.)

(Seu corpo está repleto de cores.)

XESC

Novos quadros. Pinturas e gravuras também... Tem um retrato de um indígena... Pode ser de sua tribo... Na Holanda se chama isso de arte.

(Escuta-se o falatório monocórdio e monossilábico da índia.)

(Jaula coberta se ilumina.)

XESC

Estou indo! Só um momento... Tenho uma surpresa!

(Instantes.)

XESC

Sur-pre-sa.

(Xesc corre e descobre a jaula.)

(Silêncio.)

(A índia está linda, traz no corpo pinturas e penas que cobrem as partes. Como estava no início.)

(Xesc parece um índio em frente à jaula. Traz, mais ou menos, as mesmas pinturas no corpo e cobre as partes com penas.)

(Parece um casal de índios se admirando.)

XESC

E então? Foi o melhor que consegui fazer... Roubei as tintas e pinteí o corpo, para ser mais igual ainda do que já somos...

(A índia emite um lamento de alegria e amor. Diz palavras desconexas e soltas. Coloca os braços entre as grades e tenta alcançar Xesc. Seu vocabulário é inteligível. Seus gestos e atitudes devem expressar um profundo contentamento interior.)

XESC

Diga. Por favor, diga que me ama. Diga.

(Instantes)

ÍNDIA

Amor... Amor... Vem.

(Xesc radiante corre para a jaula, abre uma portinhola e entra.)

(Instantes.)

(Surge a escrava entre as pinturas e tintas que estão no armazém.)

(Foco sobre a escrava que enrola seu ventre e barriga com uma faixa de tecido branco bem apertada.)

(Silêncio.)

(Na jaula: eles se admiram profundamente e se tocam com delicadeza.) (Instantes.)

(Eles começam a fazer amor e a negra acaba de enrolar sua barriga no apertado tecido branco.)

(A escrava e a índia se entreolham.)

(Foco apaga sobre a escrava.)

(A cortina cai sobre a jaula. Desce lentamente enquanto eles se amam.)

(Entra som de mar, gaivotas e ondas. Sons marítimos.)

CENA 18

CENA DA ARCA (Escritório / Armazém / Dia)

(O dia ensolarado entra pela janela.)

(Escutam-se ruídos de construção e de homens trabalhando somados aos sons marinhos.)

(Instantes.)

(Willen, com outro traje, leva o colar no peito, de quando em vez, discursa.)

(Willen lê uns documentos.)

WILLEN

Maurícia era um sonho. Por favor, escute a relação dos títulos dos livros que foram escritos nesta terra: *História Natural Brasileira*, *Prodigiosa Matemática Tropical*, *História dos Feitos Recentemente Praticados e Acontecidos nas Terras de Pernambuco*. Maurícia é uma realidade.

(O Armazém tem agora inúmeros objetos, todos se iluminam.)

(O príncipe está presente. Junto a ele, sobre a mesa, vemos a caixinha fechada.)

PRÍNCIPE

Temos que repensar a realidade.

WILLEN

Uma civilização nos trópicos vai da botânica ao violino. É arte. Ciências. Imaginação.

(Silêncio.)

PRÍNCIPE

É o preço que pagamos... Ou gastamos?

(Instantes.)

WILLEN

Certamente depende do ponto de vista.

PRÍNCIPE

Exato: O ponto de vista. Alguns de seus decretos foram bastante desafortunados e brandos. Principalmente aqueles referentes ao plantio e refino da cana-de-açúcar.

WILLEN

Existem revoltas nas plantações, alteza. E os colonos não pagam os impostos com regularidade.

PRÍNCIPE

As arcas estão vazias, conselheiro.

WILLEN

Os escravos são preguiçosos e os índios não trabalham.

PRÍNCIPE

Este armazém está repleto de cargas, objetos, coisas e materiais... Talvez represente com exatidão nosso modo de ser: coisas e mais coisas... Mas sem açúcar, não há vendas, e sem lucro as arcas ficam vazias... Temo por meu sonho: Maurícia... A construção da cidade deve ser interrompida.

WILLEN

Mas o que é isso, alteza. Estamos de vento em poupa. No meio de um feito sem igual. Não podemos recuar. Com Maurícia erguida teremos visitantes, negociantes, mercadores, forasteiros: trocas comerciais jamais vistas. Então a agricultura por si mesma vai se desenvolvendo... Enfim... Enfim... Enfim. Precisamos de créditos. Urgentes. Empréstimos. Grandes somas. Vamos falir. Essa é a verdade. Sinto muito. Que desatino.

(Silêncio)

PRÍNCIPE

E Calabar?

WILLEN

Foi dispensado de suas funções. Não tem mais voz de mando. Ele próprio se dispensou. Entregou o anel. Não se pode fazer nada.

(Silêncio.)

WILLEN

Nada... Mudando de assunto. Outro problema... Pequeno. A palavra nada me faz lembrar que a marquesa vem pedindo há tempos uma audiência com sua graça.

PRÍNCIPE

Meus encontros com a marquesa estão suspensos. *Sine die*.

WILLEN

Sim, alteza.

(O príncipe pega a caixinha, coloca debaixo do braço, e vai saindo.)

PRÍNCIPE

Willen...

WILLEN

Encontros com a marquesa cancelados.

PRÍNCIPE

Recupere Calabar. O mais breve possível.

(O príncipe sai levando a caixinha.)

(Cai a luz.)

(Entra o som de um tambor militar solitário e marcante.)

CENA 19

CENA DO BARALHO (Escritório / Armazém / Noite)

(Luz sobre a marquesa que joga com um baralho espalhado sobre a mesa. Parece que joga “paciência”).

(Instantes.)

(Alguns objetos se iluminam.)

(Willen caminha.)

WILLEN

Ouviu o tambor? É o sinal de que um cavaleiro solitário se aproxima.

MARQUESA

No meio da noite... Deve ser o capitão.

(A marquesa joga uma carta sobre a mesa.)

MARQUESA

Damas de espada.

(Instantes.)

(A marquesa mistura as cartas e desfaz o jogo sobre a mesa.)

MARQUESA

Odeio “paciência”! Esse jogo me deixa transtornada. Mau humor.

WILLEN

E por que joga então?

MARQUESA

Porque tenho medo... Esqueço do temor jogando. Me distrai.

WILLEN

Medo de quê, marquesa?

MARQUESA

Sabe muito bem ao que me refiro, conselheiro. Ele abriu a caixinha do prazer, não necessita mais de mim.

WILLEN

Uma marquesa vivida. Já deveria estar acostumada com essas situações.

(Silêncio.)

MARQUESA

Não me acostumo com o medo... É uma armadilha sem fim... Um invasor que primeiro ataca o futuro... Que será de mim? Para onde irei?... Depois o presente: que faço aqui? Quero morrer agora!... Mas não se morre. Em vez: olho para traz. E tenho temor do passado, das vergonhas que cometi para traçar meu caminho. Deveria ter sido mais previdente. Minha vida deveria ter acontecido de outra maneira. A angústia do tempo, não tem pé nem cabeça. Será que os outros sentem o mesmo que eu?

WILLEN

A coroa de três pontas... Começa no futuro, toma o presente e se alastra pelo passado... É assim que funciona a lógica do medo. Para todos.

(Ouve-se o som de um tambor militar, solitário mas marcante.)

WILLEN

O segundo sinal... Ele está perto.

MARQUESA

...Conselheiro, já que marquesas e meretrizes não têm lugar na nova cidade de Maurícia, quero zarpar no primeiro barco para Barcelona.

WILLEN

Tão precipitada.

MARQUESA

Não pode fazer nada?

(Instantes.)

WILLEN

...Como este colar pesa. Demasiado. Não sou homem de poder, sou um escrevinhador de terceira, que por sorte conseguiu um entreposto de segunda e se tornou conde! Por quê? Para quê? Não sirvo para ser conselheiro-mor.

MARQUESA

Serve para me ajudar neste momento. Para impedir que me largue pelo mundo, em busca de não sei o quê. Tem o poder.

(Instantes.)

WILLEN

Ficará algum tempo mais. Aos meus serviços e ordens.

MARQUESA

Sob qual pretexto?

WILLEN

Não existe nenhum pretexto. Irá espionar Calabar de verdade. Quero saber o que mais puder sobre ele.

MARQUESA

Difícil... O capitão não se deixa enganar.

WILLEN

É ficar ou partir.

MARQUESA

Por que odeia tanto Calabar?

WILLEN

Porque ele me odeia. É nefasto.

(Silêncio)

MARQUESA

...Passe o vinho, vou recebê-lo no portão. Com vontade, rapapés e salamaleques.

(A marquesa leva a garrafa de vinho e sai.)

(Luz cai ligeiramente.)

(Willen prepara a mesa. Coloca o anel de ouro de Calabar sobre uma almofada de veludo e arruma uns documentos.)

WILLEN

O anel... Os documentos... O vinho ela levou.

(Ouve-se subitamente algumas notas musicais oriundas de um instrumento de cordas. Pode ser um violino. O som não é melodioso, ao contrário, deve ser aberrante e desafinado.)

(Instantes.)

WILLEN

...Não é um tambor. Não pode ser o terceiro sinal.

(A jaula encoberta se ilumina.)

WILLEN

A índia.

(Willen corre para a jaula e suspende o pano.)

(A jaula se ilumina.)

(Lá dentro vemos Xesc e a índia vestidos de nobres europeus, com plumas, etc., e também utilizaram tintas indígenas. Enfim, numa mistura de vestuários. Ambos seguram instrumentos musicais, uma viola e um violino, e estão paralisados em frente à reação extasiada de Willen.)

(Cai coberta sobre a jaula.)

(Willen retorna à sua mesa.)

(Alguns objetos se acendem e outros se apagam.)

(Em destaque agora vemos uma espécie de baú, quase em forma de sarcófago, que brilha como cobre.)

(Instantes.)

CENA 20

CENA DA LUPA (Escritório / Armazém / Noite)

(Entram Calabar, segurando a garrafa de vinho, e o general.)

(Os objetos são iluminados.)

(Willen se coloca de pé, em frente à jaula coberta.)

(Calabar usa uma couraça de couro.)

WILLEN

Senhores!

CALABAR

Conselheiro.

(General aponta para Calabar.)

GENERAL

Aqui está o prometido em pessoa.

WILLEN

E a marquesa?

CALABAR

Me entregou esta garrafa de vinho e falou umas bestagens. Deixei lá fora no portão.

GENERAL

Vou visitar minha noiva.

WILLEN

Não! Agora não pode. Temos assuntos importantes a tratar.

CALABAR

O vestido. Veja, general. O vestido de sua noiva chegou.

(Calabar se aproxima do baú de cobre e toca o metal.)

CALABAR

Veja que capricho. A embalagem é selada com cobre.

GENERAL

Parece o embrulho de uma arma de guerra.

CALABAR

Ninguém pode ver o vestido da cerimônia. Principalmente o noivo.

WILLEN

É o que dizem: sete anos de tormentos.

(Instantes)

CALABAR

Não sentem?

WILLEN

O quê?

(Calabar mexe o nariz.)

CALABAR

Um cheiro. Um odor esquisito... Cheiro de fêmea... De gosma de amor.

WILLEN

Deve ser o perfume da marquesa.

CALABAR

Não. Não. Vem dali. Vem da jaula. É gosma de macho com fêmea.

GENERAL

Quero ver minha noiva! Abra a jaula, conselheiro.

WILLEN

Não. A noiva está nos seus dias lunares... Por isso o odor... Por prudência e pudor, não pode vê-la.

(Instantes.)

GENERAL

Pudor... Tem razão. Não posso vê-la nesta situação.

WILLEN

Foi a marquesa que notou... Jovens puras e sadias sangram regularmente... Coisa de mulheres.

(Instantes.)

GENERAL

Neste caso... Espero que os senhores consigam resolver suas diferenças com cordialidade. Me retiro. Boas noites. Pela manhã visito minha noiva, que ela faça uma higiene.

(O general sai.)

(Willen aliviado pega o vinho, serve e bebe.)

CALABAR

Está bebendo vinho. E sua enxaqueca?

(Instantes)

WILLEN

Calabar...

CALABAR

Onde está minha escrava?

WILLEN

Está por aí esperando seu amo e senhor. A última vez que a vi, ela andava nuns andaimes pela construção.

CALABAR

E a construção prossegue como planejada? Ou só será um esqueleto?

WILLEN

Maurícia vai de vento em popa...

(Calabar bate palma duas vezes.)

(A escrava entra. Agora está envolta em panos negros. Esconde seu corpo.)

(Calabar e escrava se entreolham.)

CALABAR

Apareceu. Sentiu meu cheiro... O conselheiro relata que viu uma escrava perdida por aí. Isso é real?

WILLEN

Calabar, pense bem, estar perdido também é uma forma de buscar-se. Não dramatize minhas palavras.

(Silêncio.)

WILLEN

Beba vinho comigo.

(Willen serve o vinho.)

CALABAR

As botas.

(A escrava se abaixa para lhe tirar as botas.)

CALABAR

Não. Primeiro a couraça de couro.

(A escrava se levanta e começa a soltar a couraça.)

WILLEN

Capitão, temos rebelião nativa e gostaríamos de contar novamente com suas táticas bélicas.

CALABAR

Por que veste negro, escrava?

WILLEN

Ordens do novo reverendo: toda a nudez deve ser coberta com rigor.

(Instantes.)

(A escrava tira a couraça de Calabar e se afasta.)

WILLEN

Então? O que pensa da minha proposta de restituição de seu anel e voz de comando?

(Instantes.)

Conheço meu gado. Debaixo do luto cheio de panos, ela esconde algo.

WILLEN

Capitão! Em nome da Companhia das Índias Ocidentais, exijo minha resposta!

(Silêncio.)

CALABAR

...Conselheiro. Como conseguiu o segredo da beberagem? Conta. Diz como roubou o meu trunfo e enganou o príncipe.

(Instantes.)

(Subitamente o romper de um vidro toma conta do ambiente.)

(A escrava bate várias vezes com a lupa de Willen sobre um castiçal.)

(A lupa se rompe em mil pedaços.)

(Sua atitude é inesperada e perplexante.)

WILLEN

...Minha lupa... Como vou ler os documentos?... Cristal puro. Difícil de conseguir. Minha lupa! Por que fez isso, mulher? Por quê?!
A lupa!

CALABAR

Um momento!

(Silêncio.)

(A escrava se afasta da mesa. Larga a lupa.)

CALABAR

Escrava. Que quer me contar que não sai pela língua?

(Willen corre para mesa e tenta reparar a lupa.)

WILLEN

Tudo destruído... Cacos de lentes jamais se juntam de novo.

CALABAR

Fiz uma demanda!

(A escrava abre o pano negro e mostra seu ventre enrolado e atado na faixa branca.)

(Silêncio.)

WILLEN

Ela está grávida. E o estado é bem adiantado. É seu filho, capitão.

CALABAR

Meu filho? Foi feito por alguém dependurado nos andaimes. Não quero mais um bastardo neste mundo!

(Calabar, olhando fixamente para escrava, se aproxima dela devagar.)

WILLEN

Claro que é seu. Esqueça os andaimes! É seu filho. Bastardo, mestiço, mas é seu filho. Ela é uma escrava honesta. Posso assegurar.

(Calabar frente a frente com a escrava que mostra a barriga com a faixa.)

CALABAR

A lupa. Por que rompeu as lentes do senhor holandês?

ES CRAVA

Para fazer doer o coração de quem me enganou!

CALABAR

E quem te enganou?

WILLEN

Vamos esquecer esse incidente. A gravidez explica essa crise de fúria...

CALABAR

Quem te enganou?

ES CRAVA

Ele. O senhor holandês.

WILLEN

É mentira. Não escute o que ela vai dizer. Foi um mal-entendido.

ES CRAVA

Contei para ele o segredo de sua beberagem, sem me dar conta do mal.

(Silêncio.)

CALABAR

...Contou o meu segredo?

(Calabar pouco a pouco se altera até explodir em raiva.)

CALABAR

Uma escrava que me adora como se fosse um príncipe.

(Calabar dá uma bofetada na escrava. Ela cai.)

(Calabar chuta várias vezes a barriga da escrava.)

(Os chutes são violentos.)

CALABAR

Que morra tudo! Que se morra toda num charco de sangue. Fêmea de andaime. Bicho africano.

(Willen reage frente aos maus-tratos.)

WILLEN

Capitão! Controle-se! Capitão! Está matando seu próprio filho! Capitão! Não faça essa loucura! Pare! Basta! Basta!

(Willen tenta conter Calabar.)

(Calabar segue violento.)

(A escrava se encolhe de dor e pavor no chão.) (Instantes.)

(Cai luz geral.)

CENA 21

CENA DA ÁGUA (Jaula / Armazém / Noite)

(A jaula se ilumina.)

(A coberta esconde metade das grades. Obstrui parte da visão do interior da jaula.)

(Através do pano, na parte coberta, vê-se um jogo dos corpos e silhuetas.)

(O parto da escrava, realizado pela índia, é um jogo de sombras sobre o tecido.)

(Só se vê as sombras do parto.)

(Instantes.)

(Ouve-se murmúrios e gemidos.)

(Entra Xesc, carregando baldes com água.)

XESC

Água. Água quente! Trouxe outro balde!

(Neste instante escuta-se um grito longo e final vindo da jaula.)

(Silêncio.)

(Tudo estático.)

(Subitamente escuta-se o choro de uma criança recém-nascida.)

(Instantes.)

XESC

A criança vingou!

(A marquesa surge ao lado de Xesc.)

MARQUESA

Entre lá e ajude no que pode. Depressa.

XESC

O capitão.

MARQUESA

Me encarrego dele! Agora vai, mova-se.

(Segue choro de criança.)

(Xesc entra na jaula.)

(A marquesa baixa a coberta da jaula, que fica totalmente escondida.)

(Cai luz e som de recém-nato chorando.)

(Silêncio.)

CENA 22

CENA DO COBRE

(Baú de cobre do vestido de noiva / Armazém / Noite)

(Foco sobre Calabar.)

(Sentado sobre o baú de cobre, Calabar bate com a ponta de sua espada sobre o metal. Seu olhar é perdido.)

(Instantes.)

(A marquesa surge ao seu lado.)

MARQUESA

A índia fez o parto... Uma sangueira. Sua escrava morreu. A cria vingou. É um menino, capitão.

CALABAR

Não reconheço nem como bastardo. Pode dar um fim ao infeliz.

MARQUESA

...Se é seu desejo.

(Instantes.)

(Calabar se transforma.)

CALABAR

Meu desejo é chorar! Mas não tenho lágrimas. Queria chorar de ódio ou piedade... Pudera chorar quando me humilhavam e cuspiam!

MARQUESA

Esqueça o passado. Esqueça os portugueses.

CALABAR

Falo do hoje, marquesa! Dos holandeses e de meus olhos.

(Calabar mostra os olhos.)

CALABAR

Vê? Sem lágrimas. Nem para a escrava, nem para a criança.

MARQUESA

Vai acabar se tornando um prisioneiro da amargura.

CALABAR

Sou um escravo de mim mesmo. Conhece tormento maior?

(Silêncio.)

(Mudança de luz.)

MARQUESA

Amanhece. Me sinto de novo como a primeira pessoa a enxergar o sol... Será um sinal? Um agouro?

CALABAR

Tomara que seja uma maldição. Uma maldição que extermine com os forasteiros. E a todo aquele que queira se aproveitar da Terra do Sol.

(Calabar esfrega com sua bota o chão.)

CALABAR

Quando uma terra se sente injustiçada por Deus, seus homens são capazes das piores atrocidades.

(Um vestido de noiva se ilumina flutuando no ar.)

MARQUESA

...Comenta-se que o vestido que comprou é algo jamais visto.

(Calabar alisa o baú.)

CALABAR

...Escondido atrás deste cobre, existe o impensável.

MARQUESA

O impensável?

CALABAR

Não acredita?

(Calabar abre o baú.)

CALABAR

Se me permite uma gentileza: vou abrir o baú e mostrar a prenda.

(Calabar levanta a tampa do baú.)

(A marquesa olha dentro do baú de cobre.)

MARQUESA

Um vestido imaculado... *(riso)* Descobri: no fundo o Capitão é um romântico.

Veja só... Os bordados em arabescos.

CALABAR

Dizem que por ser traidor não tenho caráter. Talvez tenham razão.

MARQUESA

Jamais usei um vestido desses... Também não me casei, mas me apaixonei algumas vezes.

CALABAR

Pois usará o vestido! Hoje! Para dar alguma alegria ao dia infeliz! Agora! Sairemos a cavalo!

MARQUESA

Capitão.

(Calabar retira o vestido de noiva do baú.)

(Trata-se de um bonito, mas simples vestido de noiva.)

CALABAR

Não é sublime? ... Mortalmente lindo.

(A marquesa admira o vestido.)

MARQUESA

É da noiva do general.

CALABAR

É de uma índia sem alma! Ela não sabe a diferença entre o céu e o inferno! E a marquesa é uma nobre senhora, merece mimos e caprichos.

(A marquesa ri.)

MARQUESA

Num passeio vestida de noiva.

CALABAR

A marquesa me dirá.

MARQUESA

E por que não?

(Eles saem levando o vestido de noiva entre mãos.)

(Cai a luz.)

CENA 23

CENA DA MESA (Mesa / Armazém / Amanhece)

(Foco sobre Willen que escreve com dificuldade e usa uns carimbos.)

(Instantes.)

(Xesc e índia estão presentes. Eles usam capas que cobrem seus corpos.)

(A índia leva enrolado entre os braços um vulto de criança.)

(Willen entrega uns documentos para Xesc.)

XESC

Mestre, esses documentos estão borrados.

WILLEN

Melhor assim, vão parecer que são usados e portanto autênticos. O que interessa mesmo são os carimbos portugueses. Para alguma coisa serviram os carimbos de Calabar.

XESC

Agora me chamo Guilherme Flores.

WILLEN

Ao sair das terras da Companhia, preste atenção, atravessem o território português e sigam em direção ao sul, para os confins da Terra Brasilis, para a banda dos rios.

XESC

Mestre. Mas onde diz aqui que eu sou judeu?

WILLEN

Basta. Esqueça as religiões! Esqueça que é judeu, que ela é índia e que carrega o filho de Calabar.

XESC

Mestiço: o varãozinho é mulato, mestiço...

WILLEN

O que seja: mulato. Não importa. O que conta é que de agora em diante você é um mercador europeu de nome Guilherme Flores, viúvo. Sua mulher morreu no parto, e esta índia quase civilizada é a ama de leite do seu filho.

(Silêncio)

WILLEN

Devem fugir imediatamente. Não há outra saída. O código militar é claro: serão julgados, condenados e enforcados.

XESC

Uma história confusa, uns documentos borrados... Os guardas das barreiras vão desconfiar. Não dará certo, mestre.

WILLEN

Claro que dará certo! É uma história como outra qualquer. Por exemplo: imagine agora uma judia pura e bela casada com um marceneiro, e um dia um anjo, de olhos verdes e cabeleira loira, cai de um pedaço do céu e entrega à moça uma caixinha com uma criança chamada Jesus!

XESC

Mestre. Não seja profano!

WILLEN

Em poucas palavras foi assim que começou a Igreja de Cristo.

XESC

Isso é blasfêmia!

WILLEN

Pode ser. Mas tenho o direito de blasfemar. Também não deixa de ser uma história confusa em que todos acreditam.

XESC

É fé. Todos os livros santos contam histórias impensáveis.

WILLEN

Absurdas. Todas as religiões e civilizações são prisioneiras de livros. A Bíblia, o Alcorão, os testamentos, todas as histórias escritas por homens imperfeitos que contam peripécias do Perfeito! São repletos de hipérboles e metáforas, donde se conclui que a teologia é filha da imaginação. São textos sangrentos: não passam de códigos morais cheio de castigos e punições. Nunca li um livro tão violento como a Bíblia. São histórias bárbaras de fratricídios em série!

(Willen se serve de vinho e bebe.)

XESC

Calma, mestre.

WILLEN

Confie em mim. A história vai funcionar e enganar a todos... Talvez seja assim que se faz um povo: com falsidades, traições e amor... Talvez seja assim que se consiga fundar uma nação. Quem sabe? Quem pode negar?

(A índia fala com Willen.)

WILLEN

O que ela diz?

(A índia fala seu idioma incompreensível.)

(Acaricia a criança.)

XESC

Minha índia tomou carinho pelo filho do traidor.

WILLEN

Melhor ainda. Crie o mulato como se fosse seu e tenham outros mamelucos e mestiços. Jamais contem para a criança a verdade sobre sua raiz.

XESC

Jamais é uma palavra...

WILLEN

Jamais é uma palavra em que não se pode confiar. É falsa, porque é mentirosa. Não existe o jamais.

(Instantes)

WILLEN

Basta! Por favor, fujam! Vão em paz! Crescei e multiplicai!

(Eles se abraçam.)

(Cai Luz.)

(Escuta-se um importante e presente tiro de canhão.)

CENA 24

CENA DO CANHÃO

(Local indeterminado / Recanto do príncipe / Dia)

(Luz sobre o príncipe que segura uma coroa de ouro simples encimada por três pontas.)

(A caixinha está aberta sobre a cama.)

(Não vemos seu conteúdo, ela está de cabeça para baixo.)

(Escuta-se o segundo tiro de canhão.)

(Entra Willen.)

WILLEN

Notícias de Amsterdã!

PRÍNCIPE

Notícias importantes. Admire! A coroa de três pontas. Ouro maciço.

(O príncipe mostra a coroa de três pontas.)

WILLEN

Sua alteza agora faz parte do conselho geral da Companhia.

PRÍNCIPE

Escute: o terceiro tiro de canhão.

(Escuta-se o terceiro tiro.)

PRÍNCIPE

É a minha sagração: tiros de canhão.

WILLEN

O mais alto cargo de hierarquia da Companhia merece todas as pólvoras.

PRÍNCIPE

Não esperava tamanha responsabilidade. É honroso.

WILLEN

Com certeza... Mais que isso: é triunfo... Quando pretende partir para Amsterdã?

(Silêncio.)

WILLEN

Quando embarca para assumir o Conselho?

PRÍNCIPE

Mudei de planos. Ou melhor, mudei meu pensamento. Minha mente ao ser alçada para o mais alto cargo que um homem possa desejar, se abriu para novos horizontes comerciais.

WILLEN

Que horizontes?

PRÍNCIPE

Já ouviu falar de uma terra nova chamada Nova York? O nome é inglês, mas fica na exata altura de Amsterdã. Se traçarmos uma linha reta no mapa verá que as duas terras são paralelas. Ficam face a face. Entre elas só existe um mar, ida e volta numa só direção, sem norte nem sul. Só leste-oeste. A navegação é mais segura e barata. Reta.

WILLEN

Quer dizer que iremos para Nova York... E Maurícia? O sonho? A civilização nos...

PRÍNCIPE

Embarcaremos Maurícia para Amsterdã! Levaremos quadros, livros, botânicos, animais, plumagens, frutos, curativos e químicas. Faremos uma pequena Maurícia para todos os súditos holandeses, no coração da Europa. Levaremos tudo. Uma cidade tropical na Holanda.

WILLEN

De todas as formas ficam as pilastras e os arcos: são de pedra.

PRÍNCIPE

Também não.

(Silêncio.)

PRÍNCIPE

Tudo o que sobrar será destruído pelas forças portuguesas. Assim é o pacto.

WILLEN

Que pacto?

PRÍNCIPE

Minha mente ao ser alçada para o Conselho, está pensando de outra forma e tomou decisões que outrora não tomaria.

WILLEN

Imagino...

PRÍNCIPE

Os ingleses pagam nossos débitos, mas em troca criaremos um grande entreposto comercial na cidade nova de Nova York. Em troca entregamos o nordeste do Brasil para os portugueses.

WILLEN

Alteza...

PRÍNCIPE

Portugueses e ingleses são aliados. A Companhia das Índias ficará dona de rotas e caminhos do norte!... Entre a Terra de América e a Europa. São as rotas mais lucrativas para nós.

WILLEN

E a cana? O comércio de açúcar?

PRÍNCIPE

Vamos mudar de negócio. De ramo. Além do que, o exército português vai queimar todas as plantações dos nativos que nos apoiaram.

WILLEN

Um massacre... Isso é terrível.

(Instantes)

PRÍNCIPE

E sem cana para fazer açúcar... A beterraba assume de novo a dianteira. As plantações em França ficarão donas do mercado. Quero que pense num negócio, algo bem lucrativo... Ah! E embarque já para Nova York nossos livros e contabilidades... E também cargas que não interessem ao conselho em Amsterdã, mas que nos podem ser úteis na cidade nova.

WILLEN

...Tanto sacrifício, tantas batalhas. Os inimigos de ontem se tornam parceiros do hoje.

PRÍNCIPE

É o preço que pagamos para conseguir a paz, o conforto e o lucro... Comece a pensar: tenha ideias.

(Instantes.)

WILLEN

E Calabar?

PRÍNCIPE

Será entregue às forças portuguesas. Como presente de boa vontade. Eles irão esquarterjá-lo.

WILLEN

Eles vão esquarterjá-lo.

PRÍNCIPE

Será uma cilada com um garfo de três pontas. Primeiro faremos uma festa.

WILLEN

Que festa?

PRÍNCIPE

Invente algo!... Uma festa. Uma festa comprida e inesquecível, onde se comemora minhas novas funções no Conselho.

WILLEN

Depois.

PRÍNCIPE

Depois não. Não há depois. Enquanto isso, todas as cargas e conhecimentos mais valiosos estão sendo embarcados na surdina para Amsterdã. Maurícia se vai, enfim, para a Europa. Em seguida os portugueses destroem o resto.

WILLEN

Um plano muito bem detalhado, alteza.

(O príncipe reage, pega um documento e mostra a Willen.)

PRÍNCIPE

Um plano que não nasceu da minha cabeça! ...Junto com a coroa veio este documento exigindo algumas providências imediatas.

WILLEN

Imagino.

(O príncipe, com a coroa nas mãos, tem um sobressalto.)

WILLEN

O que foi, alteza?

(Instante.)

PRÍNCIPE

Nada importante... Me piquei com uma das pontas da coroa. Tenho uma gota de sangue na ponta do dedo.

(Silêncio.)

PRÍNCIPE

Que o general conceba um ardil e que Calabar seja entregue às tropas portuguesas.

(Cai a luz.)

CENA 25

CENA DA MANCHA

(Local indeterminado / Entre as cargas / Armazém / Dia)

(Ouve-se um grito. Alguns objetos se acendem.)

(Luz sobre a marquesa. Ela está vestida de noiva. Um véu branco cobre totalmente seu rosto.)

(O véu está manchado de sangue.)

(Instantes.)

MARQUESA

O vestido... O vestido de noiva.

(Willen se aproxima.)

WILLEN

Isso é impensável!

MARQUESA

Uma cilada jamais vista.

WILLEN

Um vestido de noiva usado por uma portuguesa morta de varicela. Um vestido contaminado...

MARQUESA

E eu passei de braço dado com Calabar entre os indígenas. Crianças, povos, vilas...

WILLEN

A mortandade é geral. Os índios morrem de varicela como se fossem moscas.

MARQUESA

Sem querer cometi uma maldade sem igual. Nós europeus estamos acostumados até com a peste. De varicela já não se morre na Europa.

WILLEN

Os índios da Terra Brasilis não sabem nem o que é doença.

MARQUESA

Traidor perverso! Os índios estão morrendo... Ou se retiram das terras como formigas afoitas.

(Willen bebe vinho.)

MARQUESA

O vestido de noiva de uma jovem morta pela varicela... No meu corpo.

WILLEN

Por fim, Calabar será dono do que bem merece: da destruição mais completa.

MARQUESA

Não quero mostrar meu rosto... Sinto que minha pele está queimada. Imagino que estou em chagas.

(Instantes.)

WILLEN

Estamos de partida. Zarpamos para algum lugar perdido em Terras Americanas.

(Silêncio.)

WILLEN

Irá como se fosse uma carga. Muda: sem alardes.

(Willen entrega a caixinha de madreperlas para a marquesa.)

WILLEN

O príncipe mandou devolver. Disse que não precisa mais.

MARQUESA

Ele conseguiu pôr o interior da caixinha no centro de sua cabeça.

WILLEN

O que tem dentro da caixinha?

MARQUESA

Não abriu?

WILLEN

Não.

MARQUESA

Por quê?

WILLEN

Porque tenho princípios. Pudores. Me dá vergonha bisbilhotar a intimidade dos outros.

(A marquesa abre a caixinha e mostra.)

MARQUESA

São espelhos. É uma caixinha espelhada em seu interior.

(O reflexo do espelho da caixinha brilha.)

(A plateia se vê no interior da caixinha.)

MARQUESA

É o bastante para que alguém se interesse por si mesmo, já que não tem prazer com os outros seres.

(A marquesa fecha a caixinha.)

MARQUESA

Agora o príncipe tem o espelho no centro da cabeça, é só fechar os olhos, se enxergar e ter prazer.

(Instantes.)

MARQUESA

É a caixinha de Narciso.

(Instantes.)

(Cai a luz.)

CENA 26

CENA DA GRADE (Jaula / Armazém / Dia)

(O general, com violência, abre a cortina que cobre a jaula.)

(A jaula se ilumina. Alguns objetos também se iluminam.)

(A jaula está vazia.)

GENERAL

Onde está ela? O que aconteceu?

(Willen caminha aflito.)

WILLEN

General! Ninguém lhe esconde nada! Ela morreu.

GENERAL

Minha noiva.

WILLEN

Todos os índios morreram de varicela, vítimas das perversidades de Calabar.

GENERAL

Um vestido de noiva que mata.

WILLEN

Foi a maldição que usou para afastar os índios e ficar com a terra.

GENERAL

Mas minha noiva não teve contato com o vestido. Se não tivesse redigido decretos tão pacifistas!

WILLEN

Basta. Assim me acusa ou ofende!

(Silêncio.)

GENERAL

Nenhum dos dois. Recebo ordens, conselheiro.

(Instantes.)

WILLEN

E pelos desatinos e terrores, inclusive pela morte de sua noiva, o príncipe se vê obrigado a entregar Calabar aos portugueses.

GENERAL

Por que não o matamos com as próprias mãos?

WILLEN

Não é nosso costume. É fora da lei.

(Instantes.)

WILLEN

Vou receber o capitão em audiência. Depois ele é seu: prendo-o imediatamente.

GENERAL

Pela minha noiva...

WILLEN

Ao tocar do sino das vésperas, Calabar deve ser entregue vivo para os portugueses da fronteira oeste.

(Willen sai.)

(Cai luz.)

CENA 27

CENA DA CORDA (Escritório / Armazém / Dia)

(Todas as cargas e objetos se iluminam.)

(O armazém está repleto de objetos. De um linho manchado de sangue ao vestido de noiva que flutua no ar.)

(Calabar discute com Willen.)

CALABAR

Quero minhas terras e não importa como consegui!

WILLEN

Importa sim! Um vestido de noiva assassino.

CALABAR

Foi você quem impôs as regras e ordens! Conselheiro conde.

(Instantes.)

WILLEN

Sabe das novidades?

CALABAR

O príncipe se tornou arcanjo do Conselho dos Decrépitos. Haverá uma festa.

WILLEN

Uma justa comemoração.

CALABAR

E Maurícia?

WILLEN

...Fica. Segue tudo igual.

CALABAR

Fica tudo? Os quadros, belezas e sabedorias?

WILLEN

Com certeza. Sabe que não minto. Virá um outro príncipe. Ou um conde? Ainda não sabemos. Coisas do Conselho Decrépito.

CALABAR

Um conde.

WILLEN

Quem sabe?

(Instantes.)

CALABAR

...O conde de Pernambuco... Talvez você se torne um duque.

WILLEN

Pode ser. O poder nunca é demais.

(Silêncio.)

WILLEN

Preciso de ajuda para promover uma festa inesquecível! Um evento inusitado! Como se fosse uma atração bíblica!

(Instantes)

WILLEN

Calabar. Preciso de uma ideia que agrade e entretenha os nativos. Calabar?

CALABAR

Por que fala da festa? Quer uma ideia... Mas não sou um homem sem ideias, odiado por todos?

WILLEN

Tem ideias para o mal. O truque do vestido foi odioso.

CALABAR

É isso que sente por mim? Ódio?

(Instantes.)

WILLEN

Já não sinto mais nada.

CALABAR

Por quê?

WILLEN

Porque me sinto como você... Um traidor de não sei o quê!

(Silêncio.)

CALABAR

Não entendo suas palavras. Parece que me engana, ou se engana. Agora me quer roubar o título de traidor?

(Willen sorri.)

WILLEN

Minha ambição ainda não voou tão baixa assim.

(Instantes.)

CALABAR

Sobre a festa... Vejamos, algo inusitado... Um nativo voando pelo ar com as tripas abertas!

WILLEN

Só pensa em sangue.

CALABAR

Já que tratamos nativos como gado, ponha um boi no lugar.

(Calabar ri.)

WILLEN

Que desatino.

CALABAR

Seria simbólico. Um boi voador no lugar de um nativo.

WILLEN

Seria uma ofensa. O código não permite.

(Silêncio.)

(Instantes.)

WILLEN

Ao menos que... Mas se o boi fosse de papel... Claro! Cheio de fitas coloridas, seria um acontecimento comprido e inesquecível.

(Um boi voador, típico do folclore brasileiro do “bumba meu boi”, surge cheio de fitas e cores flutuando sobre as cargas.)

(Sua presença e iluminação são marcantes.)

CALABAR

Que está resmungando, sábia raposa? Quer dizer, honorável conde.

WILLEN

Tive uma ideia absurda. Um sonho. Uma imaginação.

CALABAR

Infeliz é o homem que não sonha.

WILLEN

Infeliz é o homem que não chora!

(Silêncio.)

CALABAR

Dizem que infeliz é o príncipe que não goza!

WILLEN

Ótimo. Então já sabemos: infeliz é todo aquele que não sonha, não chora e não goza!

CALABAR

...Não sonha, não chora e não goza; um coitado.

WILLEN

Seria o mais infeliz de todos.

CALABAR

Ou o mais feliz! Quem pode dizer o contrário? Talvez no futuro sejamos assim... Tão frios como um pedaço de cobre.

(Instantes.)

WILLEN

Não pode ser feliz. Não pode. Porque com tão poucas emoções que sobram, não é um homem. É uma fantasia humana... Você, capitão, é feliz?

CALABAR

Não sou feliz nem infeliz. Sou o que sou. Quero ser senhor do meu nariz e dono de terra.

(Silêncio.)

CALABAR

Usa as palavras para me atormentar, sábio. Vim aqui buscar os documentos de posse. Foi o trato acertado. Mas o conselheiro só fala de uma festa.

WILLEN

Existirá uma festa.

CALABAR

O que tem a festa?

WILLEN

Infelizmente não poderá assisti-la. O príncipe deseja que o capitão inspecione os limites da fronteira Oeste.

(Instantes.)

CALABAR

Quer dizer que não vou presenciar o boi de papel colorido, cheio de fitas soltas bailando no ar agradecendo os favores da terra e enganando os nativos?

WILLEN

Basta de ironia. Quem disse? Enganar?

CALABAR

Enganar! Porque não se esqueça que sou um traidor. Farejo a infidelidade! A malícia embutida no riso e boas falas.

WILLEN

A festa não será um vestido de noiva recheado de egoísmo e micróbios!

CALABAR

Uma festa traidora. O que está escondendo?

WILLEN

Não sou um Judas discutindo com outro Judas.

CALABAR

Sim. Somos iguais.

(Instantes.)

CALABAR

Sei que se imagina assim: Judas contra Judas. Sei que está imaginando uma maldade.

WILLEN

Não imagino mais nada... Estou assustado com minhas próprias palavras... Judas contra Judas.

(Ouve-se um sino, duas vezes.)

(Instantes.)

WILLEN

Se pudesse voltar no tempo trairia os portugueses?

CALABAR

Não considero o que fiz uma traição. Fiz o melhor para os nativos.

(Instantes.)

CALABAR

Por que se autoproclama Judas?

WILLEN

Porque devia ter traído e não traí. Porque não traí a Companhia nem o príncipe. E acabei traindo meus sonhos... Por não ter traído o Conselho decrépito: sou um Judas ao contrário. Sou infiel a mim mesmo. Minto para mim. Um Judas que só tem valentia para trair coisas menores: como um capitão nativo pobre de espírito.

CALABAR

Então é pior que eu. Não acredita em si próprio. Só cumpre seus desejos em sonhos. É Judas de si mesmo. Um Judas de si mesmo!

(Ouve-se o sino várias vezes.)

(Cai a luz.)

CENA 28

CENA DA CORDA (Cargas / Armazém / Noite)

(Uma rede ou conjunto de cordas caem sobre Calabar que corre.)

(Foco sobre Calabar e as cargas.)

(Calabar fica preso e tenta se soltar.)

(O sino toca.)

WILLEN

O sino das vésperas!

(Calabar grita.)

CALABAR

Quero... Me deixem pelo menos chorar antes de morrer! Quero chorar, antes de ser esquartejado!

(Mais luz.)

CENA 29

CENA DO LINHO (Escritório / Armazém / Dia)

(Willen enrola o linho sujo de sangue entre as mãos.)

WILLEN

Não quero mais imaginar. Quero esquecer antes de morrer. Quero esquecer tudo.

(Calabar, entre cordas, tem uma convulsão.)

(Cai a luz.)

(Willen leva o linho ao pescoço, parece que vai se enforcar.)

WILLEN

Espero que a história de Xesc com a índia não tenha sido um sonho, muito menos um pesadelo.

(Instantes.)

WILLEN

Não vou sonhar jamais!

(Cai a luz.)

CENA 30

CENA DO BOI (Boi voador / Armazém / Dia)

(O boi voador se ilumina.)

(Luz total sobre ele.)

(Foco na marquesa admirando o boi voador enquanto entra dentro de uma caixa grande, ou carga.)

MARQUESA

Não vou ter mais prazer. Prazer: jamais. Vou me fechar para o prazer. A festa foi um sucesso. Um êxito total. E deu lucro. Muitos lucros para a Companhia, o ingresso foi pago, sim, muitos nativos compareceram. E agora vivo aqui... Sou uma carga que jamais vai chegar à América.

(Sua voz se perde.)

(Som de música de “bumba meu boi” recriada em eletrônica em ritmo vibrante, pulsante e moderno toma conta.)

(Calabar morre entre as cordas. Willen parece que vai se enforcar.)

(O boi voador ginga no ar.)

(Instantes.)

(Tudo escuro)

(Cai o pano.)

FIM DO TEXTO

DOC COMPARATO
BARCELONA, SÁBADO DE CARNAVAL / FEV / 2006

(Termina o espetáculo)

O sugerido pelo autor é uma integração do texto com **uma instalação**.

(Ao sair do teatro o espectador se depara com uma exposição composta pelos itens descritos a seguir.)

Não importa que sejam fotos antigas, cartazes, panfletos ou os próprios objetos em pequenas vitrines. O importante é que estejam presentes.

Exposição Tipo Museu

Objetos surpreendem os científicos.

Achados arqueológicos de mais de trezentos anos, encontrados nas entranhas de Nova York, esclarecem hábitos e costumes de seus primeiros desbravadores.

Vê-se os seguintes objetos numa vitrine:

- | | |
|--------------------|--|
| 6. Objeto: | Um pedaço de vestido branco |
| Legenda: | Restos de um vestido de noiva confeccionado inteiramente na América. Pertenceu a uma família nobre. Cientificamente provado, em torno de 1600 d.C. |
| 7. Objeto: | Uma caixinha de madeira semidestruída |
| Legenda: | Caixa de relicário cristã. Madeira com adornos em madrepérola. Deveria conter algum objeto santificado e considerado milagroso pelos católicos. Objeto pertencente à primeira paróquia católica de Nova York. 1600-1700. |
| 8. Objeto: | Três penas: uma verde, uma azul e outra amarela. |
| Legenda: | Plumagem indígena. Restos de plumagem de aves migratórias desaparecidas, pertenciam a tribos selvagens que habitavam a região e que também desapareceram. |
| 9. Objeto: | Manuscrito de papel amarelado escrito a pena, antigo e corroído. |
| Legenda: | Original em latim de receita de laxativo. Combinação de frutos e folhas usada para aliviar constipações. Compilação do latim ao hebraico de um provável rabino anônimo. Documento pertencente ao Centro Hebraico. 1607 (?) |
| 10. Objeto: | Três miniaturas de bois feitos de açúcar. |
| Legenda: | Peças raras pertencentes à Companhia das Índias Oriental e ao Império Chinês. Pequenas esculturas feitas de açúcar, areia e cascalho. Folclore desconhecido. Pequim / Nova York – 1600. |

Outros objetos sem identificação encontrados:

1. Lupa destrozada
2. Mapas portugueses
3. Ampulheta
4. Chave negra e grande
5. Um pequeno boi voador feito de papel e fitas coloridas. Peça folclórica de origem desconhecida.

O ESPECTADOR SAI DO TEATRO

TUDO CLARO

(Termina o espetáculo.)

CURRÍCULO DE DOC COMPARATO

O jornal espanhol *El País* assim o descreve:

“É um *expert* em dramaturgia, com a extraordinária qualidade de produzir e teorizar no mais difícil meio de comunicação de massa: a televisão. Se distinguiu ao por em prática conceitos pessoais e modernos que repercutem imediatamente no resultado final do produto audiovisual.

“O olhar agudo de Doc Comparato o converteu em um dos homens mais respeitados da Comunicação, contando com a vantagem de conhecer os pontos essenciais do telespectador como poucos o conseguiram.

“As oficinas, conferências e debates que propicia, deixam sempre nos participantes a necessidade de fazer uma melhor televisão no dia seguinte.

“É um dos mais importantes dramaturgos latino-americanos vivos.”

Doc Comparato:

É médico, dramaturgo, roteirista e escritor.

Nasceu em 3 de novembro, no Rio de Janeiro, Brasil, e foi fundador da Casa de Criação da Rede Globo. Seus trabalhos abrangem o teatro, o cinema e a televisão tanto no Brasil como no exterior. Sua carreira teve início no ano de 1978.

Possui sete prêmios internacionais, destacando-se a medalha de ouro do New York Films and Television Festival, e seu trabalho de coautoria numa minissérie com o prêmio Nobel Gabriel García Márquez. Também assinou as primeiras séries e minisséries da TV brasileira, que se tornaram clássicos.

Como didata e teórico em dramaturgia, escreveu o livro *Da Criação ao Roteiro*, pioneiro desta matéria em vários continentes. Seu último cargo universitário foi em 2004, em que foi professor de Roteiro da Escola de Cinema de Berlim.

Em teatro sua mais recente conquista foi a estreia de *Nostradamus* em Roma e o prêmio Ana Magnani. Acaba de escrever uma minissérie para a Polka Producciones em Buenos Aires. Atualmente vive no Rio de Janeiro.

CINEMA

<i>EL CORAZON DE LA TERRA</i>	(ESPAÑA/MADRI) 2002
<i>PIEGE</i>	(PARIS/FRANÇA) 1993
<i>ENCONTROS IMPERFEITOS</i>	(LISBOA/PORTUGAL) 1990/1991
<i>O TRAPALHÃO NA ARCA DE NOÉ</i>	(BRASIL) 1985
<i>O CANGACEIRO TRAPALHÃO</i>	(BRASIL) 1985
<i>O BOM BURGUEZ</i>	(BRASIL) 1983
<i>HOSPITAL BRASIL</i>	(BRASIL) 1982
<i>BONITINHA MAS ORDINÁRIA</i>	(BRASIL) 1982
<i>O BEIJO NO ASFALTO</i>	(BRASIL) 1982 – Direção: Bruno Barreto

TELEVISÃO (AUTOR)

<i>MULHER</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1998
<i>A JUSTICEIRA</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1997/1998
<i>HOSPITAL</i>	(TV ANTENA – SPAIN) – 1997
<i>NA PAZ DOS ANJOS</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1996
<i>POBLE NOU</i>	(SCRIPT ADVISER – MINISERIAL CATALÃ TV) – 1996
<i>VISITA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1995
<i>ARNAU</i>	(MINISERIAL / SPAIN) – 1994
<i>VÉSPERA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1994
<i>FILOMENO, A MI PESAR</i>	(TV SERIAL / SPAIN TELEVISION) – 1993
<i>A BOCA DO DRAGÃO</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>PROCURA-SE</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>RETRATO DE MULHER</i>	(TV SERIAL / PORTUGUESE TV) – 1990
<i>THE GAME OF BILLION</i>	(DOCUMENTARY / LONDON TV) – 1990
<i>DUAS HISTÓRIAS QUE O DIABO GOSTA</i>	(PORTUGUESE TV) – 1990
<i>LOCOS POR LA TELE</i>	(SCRIPT ADVISER / SPAIN TV) – 1990
<i>THE TEM GOLF CLUBS OF PORTUGAL</i>	(TV DOCUMENTARY) – 1990
<i>ME AQUILLO PARA SOÑAR</i>	(SPAIN TV) – 1990 (com Gabriel García Márquez)
<i>A. E. I. O. URCA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1990
<i>CAMINS</i>	(TV3 / CATALÃ – SPAIN TV) – 1989

NAZCA
LONGSDORFF
A BOCA DO INFERNO
TIETA DO AGRESTE
O TEMPO E O VENTO
DUAS DAMAS, UM VALETE E UM MORTO
O INSPETOR GERAL
A VIDA SECRETA DE BERENICE
A PATA DO MACACO
A DAMA DAS CAMÉLIAS
MALU MULHER
LAMPIÃO E MARIA BONITA
OS AMORES DE CASTRO ALVES
PLANTÃO DE POLÍCIA
E AGORA, MARCOS?

(SPAIN TV) – 1988
(SOVIETIC TV) – 1988
(GLOBO TV / BRASIL) – 1987
(RAI / ITALIAN TV) – 1986
(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
(GLOBO TV / BRASIL) – 1981
(GLOBO TV / BRASIL) – 1979

TEATRO (AUTOR)

NOSTRADAMUS
NO CÍRCULO DAS LUZES
MIGUELANGELO
NOSTRADAMUS
K. DANCE
NOSTRADAMUS
A INCRÍVEL VIAGEM
O BEIJO DA LOUCA
AS TIAS
O NOVÍSSIMO TESTAMENTO

(ROMA / ITÁLIA) 2003
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2002
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2001
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1999
(PARIS / FRANÇA) 1989
(SÃO PAULO / BRASIL) 1985/86
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1984
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1981
(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1980
(SÃO PAULO / BRASIL) 1979

LITERATURA E DRAMATURGIA

SCRIVERE UM FILM
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONI
VON DER ENTDECKUNG DES PARADIESES
EL GUIÓN
EL GUIÓN
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES
ME ALUGO PARA SONHAR
ME AQUILLO PARA SOÑAR
EL GUIÓN
ME AQUILLO PARA SOÑAR
DA CRIAÇÃO AO ROTEIRO
ARNAU, ELS DIES SECRETS
DA CRIAÇÃO AO GUIÃO
DE LA CREACIÓN AL GUIÓN
TV AO VIVO DEPOIMENTOS
PADRE CÍCERO
ROTEIRO, ARTE DA TELEVISÃO
EL GUIÓ
EL GUIÓN
EL GUIÓN
AS TIAS: TRAGICOMÉDIA EM 2 ATOS
O MELHOR DA CRÔNICA BRASILEIRA 2
SANGUE, PAPÉIS E LÁGRIMAS

(DINO AUDINO EDITORE, ITALY) 2002
(ROBIN EDIZIONI, ITALY) 2002
(ED. EICHBORN FRANKFURT, GERMANY) 2000
(2nd EDITION PLANETA, MÉXICO) 2000
(3rd EDITION FOR LATIN AMÉRICA) 1999
(ED. PLANETA, ARGENTINA) 1998
(ED. PLANETA, MÉXICO) 1998
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1998
(ED. PLANETA, SPAIN) 1998
(ED. ROCCO, BRASIL) 1997
(ED. CASA JORGE EDITORIAL, BRASIL) 1997
(OLLERO E RAMOS EDITORES, SPAIN) 1997
(OFIC. PUBL. DEL CBC, ARGENTINA) 1997
(ED. VOLUNTAD, COLOMBIA) 1995
(ED. ROCCO, BRASIL) 1995
(ED. PROA, SPAIN) 1994
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1992
(INST. OFIC. RADIOTELEVISION ESPAÑOLA, SPAIN) 1988
(ED. BRASILIENSE, BRASIL) 1988
(ED. RECORD, BRASIL) 1984
(ED. NÓRDICA, BRASIL) 1983
(UNIVERSITAT AUTÓNOMA DE BARCELONA, SPAIN) 1983
(INST. OFIC. RADIOTELEVISION ESPAÑOLA, SPAIN) 1983
(GARAY EDICIONES, ARGENTINA) 1983
(ED. ACHIAMÉ, BRASIL) 1981
(ED. JOSÉ OLYMPIO, BRASIL) 1981
(ED. CODECRI, BRASIL) 1979

LIVROS INFANTIS

A INCRÍVEL VIAGEM

(EBAL, BRASIL) 1984

PRÊMIOS NACIONAIS

Prêmio na Categoria Conto da mais prestigiosa instituição no Brasil em 1978 (Concurso de Contos do Paraná)

Prêmio de Serviço Nacional de Teatro (SNT 1979 e 1980)

Eleito pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como o melhor autor de 1982.

PRÊMIOS INTERNACIONAIS

Prêmio de Melhor Filme no LALIFF 2007 – Los Angeles Latin International Film

Festival – Cinema – *El Corazón de la Tierra* – Inglaterra/Espanha (2007)

Prêmio “Ana Magnani” – Teatro – *Nostradamus* – Itália (2003)

Melhor Autor da Academia de Literatura Catalan – *Arnau* – Barcelona, Espanha (1995)

Coral Negro – Cuba – Melhor Minissérie e autor para *O Tempo e o Vento* (1986)

Prêmio da Crítica – TV Festival – Monte Carlo (1986)

Melhor Roteiro Original, Categ. Crianças e Adolescentes – Tomar Film Festival – Portugal (1985)

Festival de Televisão de Praga – Roteiro *Malu Mulher* – Regina Duarte, melhor atriz (1984)

Festival de Filmes e Televisão de Nova York, medalha de ouro, melhor roteiro original para minisséries. (1983) (TV Globo Production *Lampião e Maria Bonita*)

DE 1986 A DIANTE

Doc Comparato em 1986 foi fundador e coordenador do Departamento de Criação da TV Globo Network. Sua obra *Nostradamus* estreou em São Paulo e ficou em cartaz durante um ano.

Em 1987 trabalhou com Gabriel García Márquez (Prêmio Nobel) e escreveu a minissérie intitulada *Me Alugo para Sonhar* para a Productora International Network; e para a televisão soviética, a minissérie intitulada *O Homem que Descobriu o Paraíso* junto com o escritor russo Alexander Chlepianov.

Nos anos 1990 se mudou para a Europa onde escreveu para a TVE uma minissérie com Gonzalo Torrent Malvino, baseada no livro *best-seller* deste, intitulado *Fenomeno*; e *Arnau* para a televisão Catalan, a qual recebe o mais prestigioso prêmio de Barcelona, como melhor Autor da Academia de Literatura Catalan.

Logo em 1992 trabalhou em Portugal, na TV SIC e na TVI, como roteirista e cosultor criativo até 1994. Foi coordenador e fundador do máster em roteiros para televisão e cinema da Universidade Autônoma de Barcelona. Também ocupou o mesmo cargo na Universidade Católica Portuguesa (PUC), e consultor do European Fund em Londres por cinco anos.

Em 1996 Doc retornou com sua família para o Brasil, onde retorna para Tv Globo. Escreve no Rio de Janeiro “A Guerra das Imaginações”, novela que foi editado no Brasil, Espanha, Portugal, Argentina, México, Itália e alcança a Alemanha em 2003.

De 2002 a 2003 viveu em Barcelona onde trabalhou como roteirista, além de ser diretor criativo da Prodigius Audiovisuais (TV-Movies Europeus) e também diretor da DEA (Augostini Planeta Corporation) para minisséries e grandes projetos audiovisuais europeus.

Em 2004 viveu na Alemanha onde foi professor da Escola de Cinema de Berlim e convidado de honra do Festival de Cinema (Urso de Prata – 2004).

Depois de escrever um filme em Belgrado, o roteirista volta ao Brasil e se torna consultor de criação de textos do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT – São Paulo / Brasil) onde desenvolveu um projeto intitulado *O Palácio* e um outro de telenovela.

Em 2005, viveu em Buenos Aires onde escreveu a minissérie *Talismans* para Pol-ka Producciones. Trabalhou na Rede Record de televisão.

Em 2008, ministrou o curso “Personagem, dramaturgia y guión” na Escuela Internacional de Cine y TV – San Antonio de los Baños. Voltando ao Brasil, foi convidado pela *Academia*

Brasileira de Letras para ministrar o curso “Da Criação ao Roteiro”. Em outubro esteve em Medellin como conferencista para o XII Encontro Internacional de TV.

Em 2009, lança nova edição do livro “Da Criação ao Roteiro” pela editora Summus.

Em 2010, estréia sua peça “Lição N° 18” que contou com sua filha, Bianca Comparato no papel principal (Teatro Poeira – Rio de Janeiro).

E ainda completou sua terceira trilogia teatral, chamada “Trilogia da Imaginação”, escrevendo as peças “Eterno” e “Jamais”. Textos inéditos.

Em 2012 recebe o Prêmio FyMTI (Festival Y Mercado de TV-Ficción Internacional), Buenos Aires, em Reconhecimento por sua trajetória e contribuição como autor de ficção em audiovisual.

Trabalhos específicos para a
Rede Globo



SERIADOS:

PLANTÃO DE POLÍCIA: (Criador e Autor)

22/06/1979 - CRIME DO VIDIGAL

06/07/1979 - VAMPIROS TROPICAIS

27/07/1979 - A VOZ DO ALÉM

24/08/1979 - VERMELHO 23

31/08/1979 - O ENIGMA DA PENSÃO DO RENO

28/09/1979 - BALÃO APAGADO

19/10/1979 - DESPEDIDA DE SOLTEIRO

30/04/1980 - O CAVALEIRO DO APOCALIPSE

28/05/1980 - NOS PORÕES DA LIBERDADE

25/06/1980 - O ARQUI-INIMIGO

09/07/1980 - O ACORDO

16/07/1980 - A DOCEIRA DE BANGU

01/10/1980 - O VENERÁVEL AZUL TURQUESA

15/10/1980 - PEGA

10/12/1980 - CAIXA DE SURPRESAS

17/12/1980 - CAMISA DE FORÇA

05/05/1981 - TREM NOTURNO

04/06/1981 - SANGUE, CALÇADA E MILK-SHAKE

11/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - I

18/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - II

25/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - III

03/07/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - IV

13/08/1981 - OLHO DA MORTE

03/09/1981 - O HERDEIRO

MALU MULHER: (Autor)

11/08/1980 - PARADA OBRIGATÓRIA

RETRATO DE MULHER: (Criador e Autor)

16/12/92 - ERA UMA VEZ...LEILA

18/05/93 - ERA UMA VEZ...MADALENA

A JUSTICEIRA: (Criador e Autor)

09/04/1997 - PREÇO DA VIDA

16/04/1997 - CINZAS NO PLANALTO

17/04/1997 - BALA NO TREM DE PRATA

23/04/1997 - O FILHO DA MADONA

30/04/1997 - O NAVIO LUMINOSO

07/05/1997 - VIAGEM AO INFERNO

14/05/1997 - ETERNOS DIAMANTES

21/05/1997 - MESMO QUE SEJA EU

28/05/1997 - FILHA ÚNICA

04/06/1997 - CRIADOR E CRIATURA

11/06/1997 - BALAS PERDIDAS

18/06/1997 - TREM DE PRATA

02/07/1997 - VIVER POR VIVER

MULHER: (Autor)

22/04/1998 - FATOR HUMANO

21/10/1998 - DE BRAÇOS ABERTOS

11/11/1998 - O NÉCTAR DA VIDA

13/04/1999 - VÍCIOS E VIRTUDES

01/06/1999 - PERFUME DO AMOR

27/07/1999 - LINDO MARAVILHOSO

07/09/1999 - A BELA ADORMECIDA

14/09/1999 - SABOTAGEM

09/11/1999 - O SEGREDO

MINISSÉRIES: (Autor e Criador)

26/04/1982 - LAMPIÃO E MARIA BONITA

10/01/1983 - BANDIDOS DA FALANGE

09/04/1984 - PADRE CÍCERO

22/04/1985 - O TEMPO E O VENTO

24/06/1990 - A,E,I,O...URCA

OUTROS TRABALHOS EM TELEVISÃO:

CASO ESPECIAL: (Autor)

10/05/1978 - E AGORA, MARCO?

02/01/1981 - OS AMORES DE CASTRO ALVES

QUARTA NOBRE: (Criador e Autor)

06/04/1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS

27/04/1983 - O INSPETOR GERAL

25/05/1983 - A PATA DO MACACO

08/06/1983 - DAMAS, VALETE E CRIME

31/08/1983 - MORTE NO PARAÍSO

05/10/1983 - A VIDA SECRETA DE BERENICE

26/10/1983 - DO OUTRO LADO DO TÚNEL

BRASIL 500 ANOS: (Autor)

02/07/1998 - BRASIL 500 ANOS

TRABALHOS COMO ATOR:

MINISSÉRIE

1984 - PADRE CÍCERO - (MACEDO)

1990 - A,E,I,O...URCA - (JUDEU JACOB)

1998 - LABIRINTO - (ELE MESMO)

TELENOVELA

1985 - A GATA COMEU - (ELE MESMO)

QUARTA NOBRE

1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS (GAROTO DA CLAQUETE)

*Ainda na Rede Globo, foi um dos criadores e fundadores da Casa de Criação da emissora nos anos 80.

OBRAS TEATRAIS DO AUTOR

TRILOGIA DO AMANHÃ[©]

(Peças escritas entre 1977 e 1982)

PLÊIADES ou Pequenas Cirurgias para Aracnídeos.

O BEIJO DA LOUCA[©] – (Prêmio Serviço Nacional do Teatro, Brasil, 1979)

O DESPERTAR DOS DESATINADOS[©].

TRILOGIA DO TEMPO[©]

(Peças escritas entre 1985 e 2000)

NOSTRADAMUS[©] (O prisioneiro do Futuro) – (Prêmio ANA MAGNANI/STAZIONE, Itália, 2003/2004)

MIGHELANGELOS[©] (O prisioneiro do Presente) – (Para a comemoração dos 500 anos de descoberta do Brasil, 2000)

O CÍRCULO DAS LUZES[©] (O prisioneiro do Passado)

TRILOGIA DA IMAGINAÇÃO[©]

(Peças e projetos a partir de 2000)

SEMPRE[©] (Ou, o Caso da Moça de Gargantilha ou na Intimidade das Coisas) – (Escrito em Barcelona, 2003)

JAMAIS[©] (Calabar, um elogio à traição Ou Na posse das coisas) (Escrito em Barcelona, fevereiro de 2006)

ETERNO[©] (ou Xanadu, no limite da criatividade ou No inalcançável das coisas) – (Escrito em Copacabana, Julho de 2006).

OUTROS TEXTOS

A INCRIVEL VIAGEM[©] (Ou, O Inacreditável é Possível, o Impossível não é) – (1985 - Peça Infantil)

AS TIAS[©] com Aguinaldo Silva (1982)

LIÇÃO N° 18[©] (1995/2004)

O DESPERTAR DOS DESATINADOS[©] (1987) (Revisto)

“A MISTERIOSA MORTE DO SUPREMO IMPERADOR DA CHINA e OUTRAS HISTÓRIAS”[©] (2011)